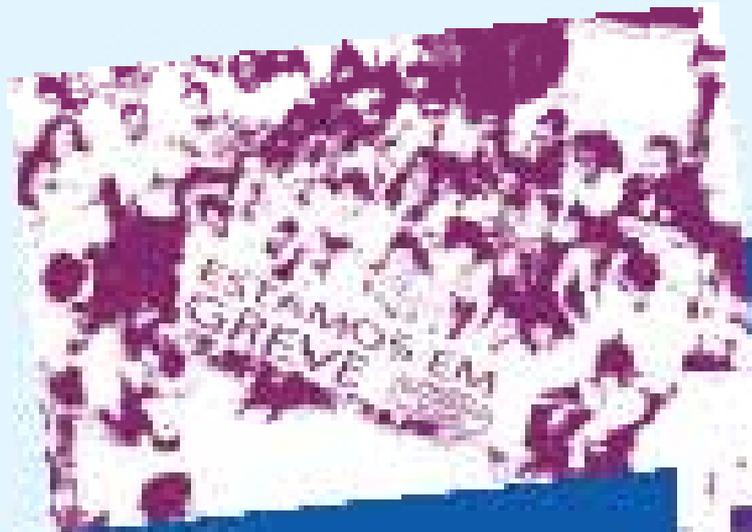




Sindicato Forte

**CUIDA DAS CONQUISTAS
DE ONTEM, HOJE E AMANHÃ**

Temos nosso p



próprio tempo!



Centro de Memória Bancária
Raymundo Reis

Quem preserva a história constrói mais firme o futuro

Mais uma vez a revista dos bancários chega às suas mãos. Nesta edição, trazemos mais do que uma boa notícia, mas um motivo de muito orgulho para todos nós: o Sindicato está entregando aos bancários e à Bahia o primeiro Centro de Memória da categoria, um acervo da maior importância sócio-cultural-econômica.

Um novo espaço de consultas e pesquisas, onde permanecerá preservado e aberto ao público, 78 anos da rica trajetória de vida do Sindicato, uma história que se entrelaça e se cruza com a do próprio Estado da Bahia e do Brasil, desde quando a entidade começou a construir, em fevereiro de 1933, suas páginas de lutas, resistências e muitas conquistas.

O Centro de Memória possui catalogados mais de 1,6 milhão de documentos, 20 mil fotografias e 2.500 fitas de vídeo, cerca de quatro mil jornais e informativos diários, livros de atas e contábeis, correspondências e outros documentos de extremo valor. O acervo exhibe com rigor científico a relevância de uma categoria que se fortalece na vida sindical, sincronizada à sociedade. Um acervo de todos os brasileiros.

Você vai ler também sobre o Seminário de Segurança, quando reunimos em nossa sede, autoridades e especialistas para debater o sério problema do crescimento da violência- assaltos e sequestros- em bancos. Saberá que foi criada enfim pela Secretaria de Segurança Pública, a Força-Tarefa, uma sugestão feita há meses pelo Sindicato.

O projeto de lei que estabelece a isonomia será enfim votado no Congresso Nacional nos próximos meses. Devemos estar, portanto, atentos e fortes. Como as mulheres, que ainda enfrentam o preconceito contra a gravidez nos locais de trabalho.

Veja ainda que as ameaças e humilhações dos bancos, através do assédio moral, e que provocam tantas doenças ocupacionais, começam a ter fim. A Justiça condenou e puniu o banco infrator.

Boa leitura.

Adelmo Andrade



Revista do Sindicato dos Bancários da Bahia.
Editada sob responsabilidade da diretoria da entidade.

Endereço: avenida Sete de Setembro, nº 1001, Mercês, Centro — Salvador-Bahia-Brasil.

CEP: 40.060-000

Tel: (71) 3329-2333

Site: www.bancariosbahia.org.br

Email: imprensa@bancariosbahia.org.br

Presidente: Euclides Fagundes Neves

Diretor de Comunicação: Adelmo Andrade

Colaboração: Departamento de Imprensa

Projeto Gráfico e Editorial:



Rua Edna B. Santos, 291 - Portão
Lauro de Freitas - Bahia
CEP 42700-000 - Telefax (71) 3288-2039
quanta.comunica@gmail.com

Editor: Vander Prata

Direção de Arte: Zimaldo Melo

Reportagens: Vaneza Melo, Pedro Cavalcanti

Design e Arte Finalização: Diogo Navarro

Revisão: Quanta Comunicação

Fotos: Manuel Porto, João Ubaldo, Milton Mendes, iStockPhoto e arquivo SBBA

Impressão: Muttigraf Gráfica e Editora

Tiragem: 20 Mil exemplares

Edição Fechada em 20 de abril de 2011

*Os artigos assinados são de inteira responsabilidade dos autores

Capa: Vander Prata, Zimaldo Melo e Vaneza Melo

Foto Capa: Milton Mendes



6
ping-pong

**Wagner Gomes
e as perspectivas
da CTB em 2011**



11

segurança bancária

**Sindicato sugere
e governo cria
a Força-Tarefa**



17

centro de memória

**Acervo mostra
lutas e conquistas
da categoria**



24

justiça

**Bancário ganha
indenização
e readmissão**



26

convênios

**Descontos para
estudar, passear
e muito mais**



27

isonomia

**Projeto de lei
precisa ser
aprovado**



28

assédio moral

**Bradesco
é condenado
e punido**



32

mulher

**Bancos
não gostam
de grávidas**



36

artigo

**Márcio Pochmann:
como o Brasil
pode avançar**



A luta sindical é o caminho para novas conquistas

Para o presidente da CTB-Central dos Trabalhadores e Trabalhadoras do Brasil, Wagner Gomes, as atuais lideranças bancárias baianas demonstram para o país que a luta é o caminho para manter direitos e avançar em novas conquistas. Para ele, o Sindicato dos Bancários da Bahia conquistou lugar de liderança junto ao movimento nacional por sua expressão de combatividade e compromisso com os trabalhadores. Nesta entrevista exclusiva ao Em Cheque, Gomes fala também da relação dos sindicalistas com o governo Dilma, da crise mundial, e da força representativa da CTB em todo o Brasil.



Como a CTB avalia o governo da presidente Dilma Rousseff?

Wagner Gomes – Desde a campanha eleitoral estava claro que Dilma Rousseff teria um estilo próprio de governar. Também é claro que seu governo dará sequência ao trabalho feito pelo presidente Lula - não podemos nos esquecer que ela foi sua principal ministra, responsável por grande parte de seus principais projetos. A CTB avalia que a partir de agora, passada essa primeira fase, já é tempo de colocar em prática algumas mudanças no cenário macroeconômico do país, como a redução da taxa de juros e a valorização do trabalho, afinal foi para aprofundar os avanços do governo anterior que elegemos Dilma.

Qual a principal característica da CTB? O que a difere de outras organizações sindicais?

WG – A CTB nasceu com o sindicalismo classista em seu DNA. É a luta classista que move todo trabalho desenvolvido pela CTB desde seu primeiro dia. Nossa central veio à tona em um momento fundamental para a história do sindicalismo brasileiro. Depois de um período extremamente difícil durante o auge do neoliberalismo no país, no governo de Fernando Henrique Cardoso, a vitória de Lula em 2002 significou um revigoramento da classe trabalhadora. Nesse novo cenário, entendemos que havia espaço para uma organização classista, baseada em princípios democráticos, de unidade, internacionalista

e que tivesse o socialismo como razão de ser.

Como está o diálogo do movimento sindical com o governo Dilma?

WG – Houve grande tensão no diálogo entre o governo Dilma e o movimento sindical nos primeiros meses deste ano, que é natural do movimento sindical, de sua autonomia e independência. Acho que isso ficou muito nítido durante a negociação pelo novo valor do salário mínimo, entre fevereiro e março mas, felizmente depois desse episódio, a relação voltou



CTB: combatividade nas ruas a favor do cidadão.

a ser mais próxima e daqui para frente a tendência é a de que as centrais tenham maior participação nas decisões fundamentais para o país.

É importante uma organização sindical independente?

WG – É fundamental, eu diria. A CTB sempre deixou claro o apoio dado à presidenta Dilma. Iremos apoiar o governo quando for necessário, mas isso não nos impedirá de cobrá-lo com a mesma intensidade em determinadas questões, como nas críticas que fazemos à condução da política macroeconômica.

Você acha que haverá o fim do fator previdenciário neste governo?

WG – É difícil fazer qualquer afirmação nesse sentido. A recente instalação da Frente Parlamentar em Defesa do Trabalhador, assim como o início das atividades do Conselho de Relações do Trabalho, são indicadores de que, com muita pressão, é possível conscientizar a sociedade, o Legislativo e a presidenta Dilma de que o fator previdenciário é um retrocesso, uma herança do neoliberalismo que o governo Lula não foi capaz de extinguir.

Qual é a visão da CTB sobre a crise mundial?

WG – A crise econômica acentuou o desenvolvimento desigual das nações e o deslocamento do poder econômico mundial do Ocidente para o

Ocidente e, destacadamente, dos EUA para a China, um país dirigido pelo Partido Comunista e que se considera socialista. A necessidade de uma transição para uma nova ordem internacional assume caráter objetivo, mas não se fará sem luta. É nosso dever elevar o protagonismo da classe trabalhadora, na luta por uma nova ordem mundial, e lutar para conferir às mudanças um sentido social avançado, anticapitalista.

Como a CTB avalia as diretrizes do sindicalismo no mundo?

Quais as questões levantadas pela CTB no último Congresso da Federação Sindical Mundial em Atenas?

WG – A CTB teve uma participação destacada no recente Congresso realizado na Grécia. Estive lá, ao lado de cerca de 30 companheiros (um total de seis delegados, com direito a voto), e pude testemunhar todo o vigor do sindicalismo classista internacional. A FSM não pode ficar à margem da realidade. Nesse sentido, é preciso lutar, mobilizar os trabalhadores com o objetivo de radicalizar as mudanças e conferir um sentido social mais avançado às transformações. É necessária a elaboração de uma plataforma de unidade dos sindicatos e da classe trabalhadora na ação concreta em cada país, que busque o caminho para a

emancipação de classe, com a conquista de uma nova sociedade sem explorados e nem exploradores.

Por que é importante a soberania e a integração da América Latina?

WG – Essa é uma das lições que temos que aprender com a recente crise econômica nascida nos Estados Unidos. O Brasil não foi tão afetado por essa crise devido ao fortalecimento de suas relações com outras nações com perfil semelhante, em desenvolvimento, com destaque para seus vizinhos de América do Sul e do Caribe. Falando ainda do Congresso da FSM, é impressionante como todo o mundo está de olhos abertos para o que acontece em nosso continente. Se pararmos para pensar em todas as mudanças que ocorreram por aqui em dez anos, é algo de grande importância. Depois de duas décadas perdidas, assolados pela onda neoliberal, fomos capazes de eleger Lula, Kirchner, Evo, Chávez, Mujica, Bachelet. Agora podemos ter mais um governo progressista no Peru.

Como a CTB se relaciona com as outras organizações sindicais?

WG – A CTB entende que a unidade da classe trabalhadora (e das centrais, por esse raciocínio) é fundamental, algo que deve ser buscado a todo custo. A realização da Conclat, no ano passado, e a organização do próximo 1º de Maio Unitário deste ano são iniciativas que sempre tiveram e sempre terão o nosso apoio entusiástico. Infelizmente, no entanto, determinados interesses acabam por comprometer essa unidade, o

que resulta em certo enfraquecimento de nossa classe.

Como você descreveria a força da CTB hoje no Brasil? E na Bahia?

WG – A CTB, apesar de muito jovem, completou três anos em dezembro de 2010, já é a terceira maior central sindical do país. Mas, mais importante do que números, é o reconhecimento que já obtivemos em diversas instâncias da sociedade, seja no cenário sindical, junto aos movimentos sociais e até mesmo no campo político-econômico. Na Bahia, a CTB é dona de um

“ O Sindicato dos Bancários da Bahia conquistou lugar de liderança junto ao movimento nacional por sua expressão de combatividade e compromisso com os trabalhadores. ”

respaldo político ainda maior. A atuação de seus dirigentes tem ganhado o respeito de cada vez mais categorias de trabalhadores, fruto da seriedade e dos princípios da Central, além da histórica luta do povo baiano contra toda forma de opressão e por uma sociedade menos desigual.

Como a CTB avalia o atual momento do sindicalismo bancário na Bahia?

WG – As lideranças bancárias baianas têm demonstrado para os bancários de outros estados que a luta é o caminho para manter direitos e para avançar em novas conquistas, assim foi com as perdas salariais, assim é em relação à isonomia. O

Sindicato dos Bancários da Bahia conquistou lugar de liderança junto ao movimento sindical bancário nacional por sua expressão de combatividade e compromisso com os trabalhadores. Sua força e sua vinculação com os bancários é motivo de orgulho para nossa central.

Como a CTB apóia os bancários? Quais as causas que têm o apoio da CTB?

WG – Contribuímos com sua organização quando estruturamos o Ramo dos Trabalhadores do Sistema Financeiro juntamente com sindicalistas de outros



estados, bem como ao orientarmos a ação durante a campanha salarial nas mesas gerais com a Fenaban e nas mesas específicas com os bancos públicos. Quanto às reivindicações, trabalhamos com a concepção de valorização do trabalho. No caso dos bancários, se traduz na elevação do piso salarial, do aumento salarial, do PCS, no respeito da jornada de trabalho e das condições de trabalho.

ROUPA DE CRIANÇA É ASSIM: HOJE CABE, AMANHÃ NÃO CABE MAIS

O Portal CTB acaba de completar dois anos de existência.

Nesse curto período de vida, mostrou-se uma importante ferramenta de comunicação, organização e divulgação das lutas e ideias classistas.

Com o crescimento e maior visibilidade da CTB, novas demandas surgem. Para acompanhar essa evolução e nos adequarmos aos novos tempos, nosso Portal vai mudar de roupa.

Estamos implantando um novo projeto de Portal web. Um projeto moderno e totalmente baseado em softwares livres, hospedado em servidor Linux.



Dentre as novidades, um sistema de gestão de documentos, agenda, sistema de compartilhamento de conteúdos para sites e blogs, comentários de visitantes, organização em editorias, site específico para a TV Classista com funcionalidades similares ao YouTube, maior utilização de conteúdos multimídias, como fotos, vídeos, áudios e muito mais.

Venha conferir, a partir de abril, nosso novo visual. Comente. Critique. Espalhe nosso endereço por aí!

www.ctb.org.br



Por ter menos policiais, o interior do estado é o alvo predileto dos bandidos.

Fogo cruzado

Bancários e população correm risco de morte porque convivem entre a omissão dos bancos e as balas dos bandidos. De 2009 para 2010, o índice de assaltos cresceu 166% no Estado. Os bancos não cumprem a lei e ainda culpam os clientes. A falta de segurança bancária foi o alvo do seminário promovido pelo Sindicato dos Bancários da Bahia.

Nos três primeiros meses de 2011 foram registrados 23 assaltos a bancos e saidinhas bancárias em agências da capital e do interior. Os bancos não cumprem as normas de segurança (Lei 7.102/83), que estabelecem os dispositivos mínimos que devem compor o sistema de segurança das agências bancárias e são constantemente multados por esta irresponsabilidade. A Comissão Consultiva para Assuntos de Segurança Privada divulgou que em 2010 os bancos foram multados em R\$ 9,58 milhões somente por falhas na segurança.

As irregularidades são inúmeras: ausência de um plano de segurança, número insuficiente de vigilantes, utilização de bancários para fazer transporte de valores e alarmes inoperantes. Ou seja: os itens básicos que constam em lei não são sequer disponibilizados ao cidadão e muito menos ao bancário, e ambos se veem no fogo cruzado da irresponsabilidade dos bancos e da violência dos bandidos.

O vice-presidente do Sindicato, Emanuel Souza, explicou, durante o Seminário Segurança Bancária: Responsabilidades Públicas e Privadas, realizado em fevereiro, que é impossível não responsabilizar os banqueiros:

- Por que os bancos não colocam câmeras de vigilância no entorno das agências?. Qualquer cidadão tem o direito de ir ao banco e sacar R\$ 10 mil para fazer pagamentos. Nós não podemos é culpar o cidadão.

Para o presidente do sindicato, Euclides Fagundes, a instituição sempre está preocupada com a segurança tanto do bancário quanto da população:

- Os bancos não assumem as suas responsabilidades de segurança. Só pensam nos grandes lucros. O Sindicato dos Bancários da Bahia ao longo de 78 anos vem participando e atuando ao lado da população. Entendemos que o nosso trabalho tem que servir a todos.



Euclides Fagundes (centro): "os bancos não assumem suas responsabilidades".

Bancos sem lei, Polícia sem armas

Para o deputado federal, Protógenes Queiroz (PCdoB), também convidado para participar do seminário, faltam policiais e armamentos adequados no combate ao crime, pois os assaltos são realizados com armamentos pesados, como fuzis R15, dinamite, granada, "e não existe número suficiente de policiais para atuar em cada ponto importante do território nacional. O resultado é alarmante: de 2009 para 2010, o índice de assaltos cresceu 166%",

O professor e pesquisador do Observatório de Segurança Pública da Bahia, Nilton Ferreira, faz uma análise ainda mais abrangente, afirmando que a responsabilidade maior da segurança bancária cabe à iniciativa privada, "ela é que deve melhorar a qualidade do serviço ofertado, qualificando

melhor os vigilantes, investindo em tecnologia de ponta não só dentro da agência, mas ao redor da área da instituição bancária. O grau de risco tem que ser avaliado e contabilizado no plano de negócio. Quem deve bancar o custo da segurança no caso é o banco, não o Estado".

Porta giratória, fachadas de vidros blindados, tesouraria com estrutura de caixa-forte, cabine blindada para vigilantes, são outros itens que deveriam constar na estrutura física de uma agência. "O que ocorre é que o espaço da agência do interior muitas vezes não é ideal e mesmo assim é transformado em banco", alerta Nilton Ferreira.

Um exemplo disso é a agência do Banco do Brasil na cidade de Utinga, região da Chapada Diamantina (BA), que funciona na parte inferior de um prédio residencial vítima contumaz da ação marginal. Na parte de cima existe uma pousada. Em

dezembro de 2010, oito homens fortemente armados assaltaram a agência e fizeram 10 reféns. Não foi a primeira vez. Em maio do mesmo ano, já haviam aterrorizado a cidade. Coincidentemente, um homem que já foi julgado e acusado por assalto, goza de liberdade e mora na parte de cima da agência do Banco do Brasil.

Atento aos debates do seminário na sede do sindicato, o bancário A.G., que prefere não se identificar, conta que trabalha sob tensão numa agência de Lauro de Freitas: "Existem em média seis assaltos por semana no estacionamento que o banco disponibiliza para o cliente. Nunca vi policiais ou viaturas dando apoio ou circulando no local. Fico com medo que o próximo alvo seja onde trabalho. A gente sabe que se o banco for roubado, eles demitem é o funcionário".

Contra violência, a cultura da paz

Coube ao deputado estadual Álvaro Gomes (PCdoB) uma das mais oportunas observações do seminário, fundamentado pela experiência adquirida através do trabalho que desenvolve à frente do IAPAZ - Instituto de Ação e Estudos pela Paz com Justiça Social, que criou com outros companheiros em 2003, exatamente para estudar a violência e cultivar a paz. Disse ele:

- A violência tem um problema central: é preciso que existam escolas públicas, mais salários para professores e apoio da família. Quando não há a estrutura familiar, que os pais estão desempregados, as mães vivem humilhadas por questões diversas, existe a chance da violência crescer. Nós precisamos de um novo processo de construção.

O que o deputado e a instituição defendem é que a sociedade como um todo se manifeste na solidariedade “e que se perceba que o capitalismo é nocivo a essa construção”, diz ele: “ Hoje, as

Justiça tarda, mas não falha

Em 2010, as ações vitoriosas contra os banqueiros ganharam notoriedade na imprensa. Dois desses casos chamam a atenção pela omissão das instituições bancárias, com relação ao tratamento dado aos seus funcionários após terem sido vítimas de sequestro ou assalto a mão armada. A seguir, as histórias e números dos processos julgados, com a devida omissão dos nomes dos envolvidos.

O primeiro, de nº 0116900-86.2009.5.08.0007 refere-se a uma bancária sequestrada junto com o marido. Ela mesma é quem relata:

- O assalto ocorreu no dia 30 de julho de 2008. Eu e meu marido fomos ao hotel em que a gerente do banco estava hospedada. Iríamos acompanhá-la até a agência. Ao chegarmos, vimos a gerente caminhando junto com uma pessoa estranha em direção ao veículo alugado pelo banco para ela utilizar na cidade. No carro, o motorista do banco aguardava pelos dois. Não imaginava que pudesse ser um assalto, até uma outra pessoa vir em direção ao meu carro e anunciá-lo; a partir daí, eu e meu esposo fomos feitos reféns, enquanto ela e os outros bandidos foram para a agência. Os policiais intervieram e a ação foi frustrada.

Vítima de estresse pós-traumático, tomando remédio controlado, mesmo sem provas ou testemunhas, a bancária foi demitida após seis meses do incidente. Mas no final de 2010, a Justiça deu-lhe ganho de causa



e determinou que o Bradesco indenizasse por danos morais e materiais. O juiz considerou que a sentença era de caráter pedagógico para que condutas dessa natureza sejam reprimidas.

O segundo caso é de um bancário do Itaú, cujo nº do processo é RR 112000-04.2002.5.02.0062. Em janeiro de 1999, ele saiu de sua casa em direção ao trabalho quando foi abordado por criminosos. Os bandidos sabiam sua rotina e mantiveram sua família em cativeiro, enquanto o obrigavam a pegar dinheiro do banco.

Pelo drama vivido e as ameaças sofridas, o bancário teve que se mudar com a família. Antes de ser demitido do Itaú, o gerente o acusou afirmando “se cuida, porque você entregou o dinheiro a criminosos”.

O processo julgado em 2010 resultou na condenação do Itaú que indenizará o bancário em R\$ 100 mil. Na interposição de recurso de revista ao TST, o bancário alegou que o Itaú não comprovou ter tomado todas as medidas de segurança necessárias. O ministro Augusto César Leite de Carvalho entendeu que o artigo 4º da Lei 7.102/83 “atribui às instituições bancárias a responsabilidade pela segurança dos empregados e usuários das agências”.



Deputado Federal Protógenes (à direita) elogiou o instituto criado por Álvaro Gomes.



Perigo na saída do banco: o que falta é policiamento.

“pessoas morrem e é como se não tivesse acontecido nada”.

Para Álvaro Gomes esse é o caso da segurança bancária, que ignora a necessidade de ter uma equipe de vigilantes preparada, um aparato tecnológico de ponta, e uma responsabilidade social do tamanho do lucro que é gradativamente maior a cada ano:

- Precisamos de uma sociedade mais harmônica, menos individualista. É preciso que os bancos se responsabilizem pela segurança do ambiente

de trabalho e o entorno de uma agência. A paz só existe com a justiça social.

Para o deputado, o que gerencia a violência é o aparato repressivo. Ele instiga a platéia:

- O que adianta proibir de atender um celular numa agência? Tem gente que acha que implementando a pena de morte irá se resolver a questão do marginal. Mas, os verdadeiros marginais são intocáveis, circulam livremente na sociedade.



Enfim, o governo cria força sugerida pelo Sindicato.

Força-tarefa entra no combate

Foi neste Seminário de Segurança Bancária, que o Sindicato pontuou com ênfase a sugestão de o governo da Bahia e os banqueiros formarem uma força tarefa de combate aos roubos a bancos no Estado. A idéia foi sugerida durante o evento pelo vice-presidente, Emanuel Souza, em fevereiro.

Quase dois meses depois, dia 4 de abril, o secretário de Segu-

rança Pública, Maurício Barbosa, apresentou a Força-Tarefa, uma luta antiga do Sindicato dos Bancários, reforçada recentemente por duas audiências dos deputados Álvaro Gomes (estadual, PCdoB) e Daniel Almeida (federal, PCdoB) com o ex-secretário de Segurança Pública, Cesar Nunes.

Prevê ações integradas na prevenção de crimes contra as

instituições financeiras e transporte de valores. Vai combater as quadrilhas especializadas em roubo a agências de cidades de pequeno efetivo policial. Participaram também da assinatura do acordo a Polícia Federal, Polícia Rodoviária Federal, Ministério Público e representantes do Banco do Brasil, Caixa, Bradesco e Banco do Nordeste.



Elder Perez diz que os bancos preferem pagar multa a investir na segurança.

Banqueiro só pensa no lucro

O diretor de assuntos socioeconômicos do Sindicato dos Bancários da Bahia e um dos organizadores do seminário, Elder Perez, é um estudioso do comportamento das instituições bancárias, no que diz respeito ao tema discutido no evento: "Acompanhamos a questão e percebemos que só nos três primeiros meses de 2011 os bancos

já foram multados pela polícia federal em mais de R\$ 1 milhão por terem planos de segurança vencidos. O ranking apresenta em primeiro lugar a Caixa Econômica Federal e em segundo o HSBC."

De acordo com os pareceres jurídicos obtidos pelo Sindicato, os bancos são ambientes de fator de risco, no caso de um assalto, uma saidinha bancária ou qualquer outro tipo de violência. Portanto, são responsáveis pela segurança do

cidadão e do bancário. "Existe a relação de consumo que não pode ser esquecida", aponta Perez.

Mesmo o empresariado financeiro entendendo que a segurança deve ser oferecida pelo Estado, do ponto de vista jurídico, o consumidor lesado pode mover uma ação contra a instituição, no caso por danos morais, para ser restituído. Veja o que diz Elder Perez:

- Um exemplo é a saidinha bancária. Os bancos não oferecem privacidade ao cliente que quer sacar dinheiro. Se o espaço é público, é preciso preservar a segurança de quem trabalha ou vai até lá.



Depois do sequestro do bancário, o carro foi incendiado pelos bandidos.

Natal sem compaixão

A história do bancário André Luís Moraes, de 23 anos, é um exemplo do que os banqueiros são capazes de fazer. Próximo do Natal de dezembro de 2010, André, que há três meses assumira um cargo no Banco do Brasil de Campo Novo de Parecis (MT), foi sequestrado por bandidos. A ação demorou cerca de duas horas, tempo suficiente

para mudar radicalmente a vida do jovem em início de carreira.

André foi obrigado a atear fogo na agência, sob a ameaça de ser morto com uma bala na cabeça. Depois de muito custo foi libertado na ponte do Rio do Sangue, a 20 km da cidade onde se localiza a agência.

Após episódio, o setor de Recursos Humanos do Banco do Brasil en-

caminhou o bancário para tratamento a um ginecologista, único médico na cidade. Porém, o trauma levou o jovem ao psiquiatra, em Cuiabá, por iniciativa própria, quando começou a tomar remédio controlado.

Após os 30 dias de licença, o Banco do Brasil cruelmente demitiu o bancário que estava em estágio probatório com o seguinte argumento: "O funcionário passou por estágio probatório de 90 dias e não atingiu o desempenho esperado e a demissão não tem ligação com o assalto ou licença médica."

André hoje luta na justiça na esperança de ser reintegrado ao trabalho.



Quem mais sofre é a população do interior, sem policiais e sem equipamentos de segurança.

Conselho de Segurança no interior

A proposta do Sindicato dos Bancários da Bahia para diminuir a violência no interior do Estado é a criação de um conselho de segurança. Para o diretor executivo do Sindicato e coordenador do Conselho da Cassi Bahia, Humberto Almeida, a realidade é bem distinta da capital.

Ele diz que os bancários não têm acesso a informações básicas de procedimento no caso de assalto ou qualquer outro ato de violência.

A proposta de criação de um Conselho de Segurança é para suprir esta lacuna, disseminar a informação, colaborar com o bancário, para que ele esteja preparado para fazer seu trabalho de forma mais tranquila.

“Ter neste conselho a representatividade do funcionário, do banco e do Sindicato é fundamental, em nossa opinião”, acentua ele.

Recentemente, um funcionário do Banco do Brasil da cidade de laçu, foi assaltado e alvejado com um tiro no rosto dentro da agência. Por falta de estrutura médica no município e o desencontro de informações

por parte do bancário e do próprio plano de saúde, o Sindicato dos Bancários teve que intervir. O funcionário passou por duas cirurgias plásticas e agora está fazendo tratamento adequado.

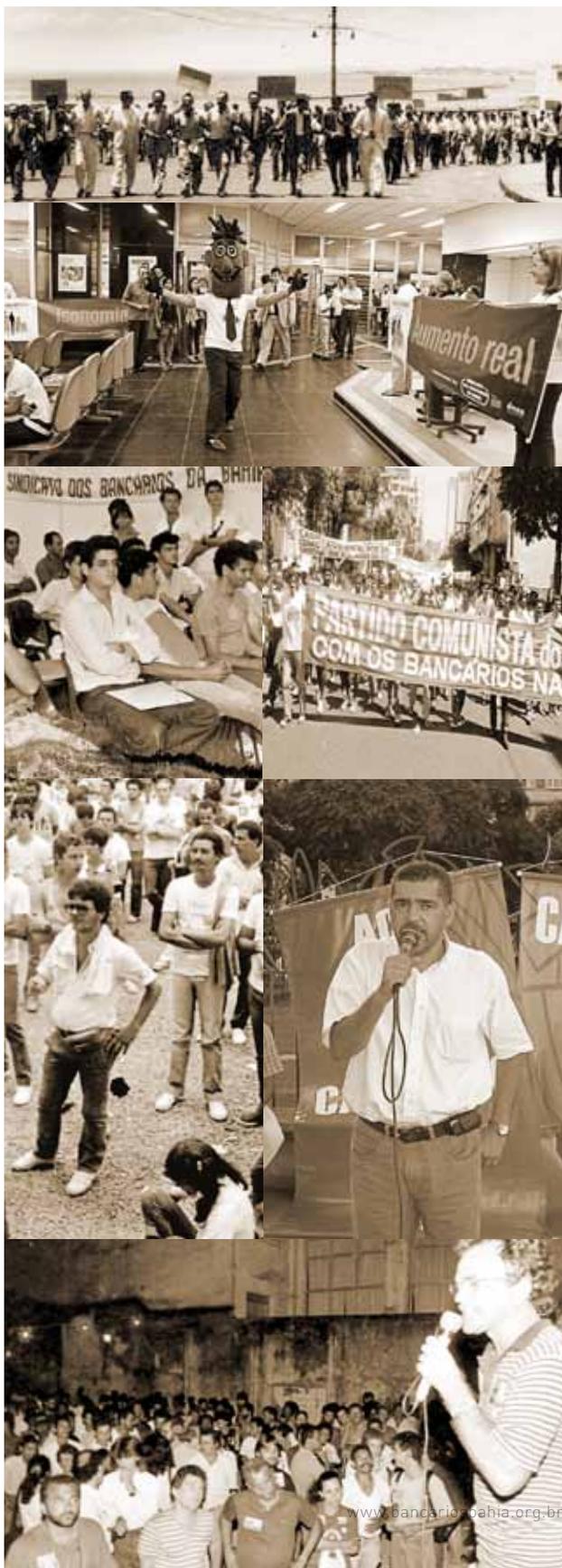
Tanto a área de saúde, quanto a segurança são os assuntos que o sindicato prioriza, diz ele, “para que exista uma solução que melhore a vida do bancário no interior”.



Seminário promovido pelo Sindicato veio em boa hora.

Quem cuida da história conquista o amanhã

Os bancários e a população de Salvador ganham um novo espaço cultural, o acervo da trajetória do Sindicato dos Bancários da Bahia, que se confunde com a própria história da Bahia e do Brasil, desde quando a entidade começou a construir, em fevereiro de 1933, suas páginas de resistência e muitas vitórias. O Centro de Memória recupera e preserva mais de 1,6 milhão de documentos, 20 mil fotos e 2.500 fitas de vídeo, cerca de quatro mil jornais e informativos diários, livros de ata e contábeis, correspondências e outros documentos de valor histórico e cultural. Tudo isso revela a importância de uma categoria fortalecida no Sindicato e incorporada aos anseios da coletividade. Os bancários na linha de frente das lutas: do bom combate ao mau patrão, à mobilização para conquista de direitos trabalhistas junto aos governos; das grandes mobilizações a favor dos interesses dos bancários, à passeata a favor da liberdade e das Diretas Já. Este acervo, agora da cidade, é um dos mais significativos e emblemáticos trabalhos que a atual gestão do Sindicato lega para esta e as próximas gerações, de bancários, de baianos, de brasileiros.





Acervo revela a ótica do bancário

O presidente do Sindicato, Euclides Fagundes, ressalta ainda que este momento é especial porque os trabalhadores conquistam conhecimento com a criação do Centro de Memória, “e isto é da maior significância”, observa ele: “O sistema capitalista só mostra ou preserva o que é de interesse de uma minoria. Nossa iniciativa vai dar a oportunidade de entender o outro lado da história”

Ele conta que a grande motivação para se investir neste trabalho é sua relevância: “Este projeto foi um trabalho construído paulatinamente, por várias pessoas que chegaram, até mesmo, a doar arquivos pessoais ao longo destes 78 anos para compor essa memória. Nos últimos anos, a procura pela informação por estudantes secundaristas e universitários também nos ajudou a perceber a necessidade de se organizar, de maneira prática as informações, para que todos tenham agora acesso”.

Diante desse acúmulo de informações preciosas, a atual gestão consolida agora uma antiga ambição que despontou há anos em bancários que atuaram ativamente no passado no Sindicato: o Centro de Memória. Euclides relata que desde os anos 60, os diretores tentavam organizar um arquivo para preservar a história dos trabalhadores.

No tempo da ditadura, muita coisa foi perdida. Na época, a repressão chegou a queimar documentos importantes, e até torturaram o presidente da época, Raimundo Reis. Tempos

depois, Álvaro Gomes (PCdoB), que presidiu o Sindicato na década de 80, começou a reunir o que havia restado com a ajuda de Petilda Vasquez, mestre em História e pesquisadora do Movimento Bancário da Bahia. Não se tinha ainda a ideia de um Centro de Memória, mas a preservação da história.

Foi durante a atual gestão de Euclides Fagundes que os sindicalistas amadureceram a ideia de criar um espaço e disponibilizar a documentação para consulta, socializando a informação que raramente é divulgada para a população.

Do início da luta à vitória de Dilma

Ao longo destes 78 anos, o Sindicato dos Bancários da Bahia acumulou um valioso acervo que inclui vários tipos de documentos, entre eles, fotos, livros, diários, ficha de filiação dos primeiros sindicalizados; a carta de fundação da entidade, registros da primeira greve nacional da categoria, datada de 1934; a ação dos baianos na campanha nacional pelo salário mínimo profissional, iniciada em 1935; a participação na segunda greve nacional de 1946 que motivou a categoria a parar por 19 dias e tantas outras manifestações que ocorreram no decorrer de um trabalho combativo em prol de toda uma sociedade.

Se retornarmos há pouco mais de 20 anos, encontraremos no acervo as referências dos movimentos sociais que recentemente mudaram a cara do país. As grandes campanhas nacionais como a luta contra a privatização





do Banco do Brasil e o movimento Fora Collor tiveram como atores sociais importantes os bancários. O Sindicato da Bahia lutou contra a venda do Baneb e pela garantia de empregos, no momento da falência do Banco Econômico, o mais antigo banco privado brasileiro, com 161 anos de existência.

Os anos de 1985/86, a vitória da resistência, estão registrados nos arquivos do Sindicato. No tempo em que sufocados pela ditadura, movimentos sindicais só voltam a se unir em movimentos nacionais e a Bahia resiste e impõe assinatura de acordo salarial com os banqueiros. As greves nos dias do famigerado Plano Cruzado. O aumento de 100% do INPC acumulado mais 2% de produtividade.

Vamos saber como foi exatamente a maior greve da rede privada, que obrigou os banqueiros a negociar fora da data-base da categoria e oferecer reajuste médio de 40% no salário (1989). A vitória inesquecível contra os bancos em 2004, numa longa greve nacional.

Se voltarmos ainda mais no tempo poderemos conferir os fatos acontecidos em 1934, na primeira greve do país. E em 1946, na segunda greve nacional, que mobiliza mais 40 mil bancários, reivindica o Salário Mínimo Profissional e Quinquênio. Que vitória!

Até chegarmos aos dias mais recentes, dos movimentos políticos de apoio à eleição do primeiro operário para a presidência do Brasil-Luiz Inácio Lula da Silva (2002) e a eleição da primeira presidente mulher da República, Dilma Rousseff, em 2010.

A marcha dos fatos em fotos



A cada clicar uma história diferente e inusitada. Através dos atuais fotógrafos, Manoel Porto e João Ubaldo, e do pioneiro Milton Mendes, que praticamente atuou sozinho e registrou durante anos o acervo fotográfico, será possível conferir cenas que flagram e preservam a memória do Sindicato até hoje.

São mais de 20 mil fotos, algumas raridades que somente a entidade baiana possui. Retratar o dia a dia do que era a luta sindical nas ruas de Salvador no final da ditadura, década de 80, dependia de disposição e muita sorte. Não eram raras as vezes que policiais militares intimidavam e corriam atrás dos fotógrafos para tomar-lhes o filme do flagrante da repressão.

“Várias vezes fui ameaçado. Enfrentei bomba de gás lacrimogênio, e trabalhei apelando para habeas corpus preventivo. Uma ocasião, fotografei o Capitão

Ferreira, linha dura. Tive que fugir pendurado no fundo de uma Kombi até a Avenida Carlos Gomes. Era uma perseguição constante”, relembra João Ubaldo.

Para entender os acontecimentos e como os registros fotográficos dessa época são importantes é preciso mergulhar um pouco na história do Sindicato dos Bancários da Bahia, no período entre a ditadura militar e a redemocratização.

Desde a década de 70, a oposição conquistava já o seu espaço na direção do sindicato. Mesmo com a Chapa Verde, à época cassada pela Delegacia Regional do Trabalho, os bancários foram à luta e lançaram um manifesto “Nem outubro, nem novembro, data-base é setembro”.

Mas, é só na década seguinte que a oposição bancária vence as eleições e dá início a uma virada espetacular no Sindicato dos Bancários da Bahia.

Raridades catalogadas

Para organizar o material, houve a consultoria de Aurora Freixo, professora e coordenadora do curso de Arquivologia da Universidade Federal da Bahia. O acervo tem documentos que retratam os movimentos da categoria e também a vida da sociedade baiana nestas sete décadas.

Há, por exemplo, fichas de filiação datadas de 1933 (ver foto). A bibliotecária responsável pelo acervo, Eloína Batista, afirma que o acesso aos documentos raros só será disponibilizado digitalmente. “O documento, em papel, só poderá ser manuseado pelo funcionário da biblioteca. Os livros, por exemplo, poderão ser cedidos por empréstimo a bancários e para consulta solicitada pela comunidade em geral.”

A parte mais rara do acervo foi reunida em 1983, em plena rede-

mocratização, pelo bancário Pedro Barbosa. Mais documentos foram organizados quando o Sindicato estava para completar 60 anos, na gestão de Álvaro Gomes. “Há também preservados os depoimentos históricos de vários ex-bancários, como Raimundo Reis, presidente do Sindicato durante o regime ditatorial, que relata como foi cassado, preso e torturado”, relata Petilda Vasquez, mestre e pesquisadora do Movimento dos Bancários na Bahia.

Juntamente com o espaço do Centro de Memória, a diretora para Patrimônio e Informática, Marta Rodrigues, destaca que a infraestrutura da sede do Sindicato dos Bancários passou por uma reforma física importante, para melhor atender as pessoas deficientes e o público em geral. “A acessibilidade era um ponto

fundamental tanto para o Centro de Memória, quanto para outros andares do prédio. Pensamos em tudo, desde os elevadores até os pisos mais adequados para as rampas.”, diz ela.





Os bancários protestaram junto com os estudantes contra ACM e a polícia radicalizou.

PM bate por ACM, cena corre o país

A partir daí, se tornou exemplo de entidade para todo o Brasil, mostrando comprometimento com os interesses da categoria. Em 1985, cerca de 700 mil bancários em todo o país paralisaram o sistema financeiro nacional, durante dois dias. Foi a maior de todas. O fotógrafo Manuel Porto estava lá:

- Primeiro, as passeatas eram sempre à noite, como também as reuniões com a categoria, no estacionamento Apolo, na Avenida Sete de Setembro. Mesmo assim, a gente registrava tudo. Depois, o movimento foi crescendo e aí a luz do dia iluminou várias manifestações importantes.

Entre as lembranças que foram registradas por essa equipe, que trabalha há mais de

20 anos no Sindicato, estão as fotos do Carnaval de Salvador, no tempo do Bloco Pré-Datado. As insatisfações com o país eram expostas em faixas e bandeiras na avenida da folia, Fora Sarney! Fora Collor! Diretas Já!

Volta e meia, fotos deles rodam o país, como aconteceu com uma de Manuel Porto, em um protesto onde o alvo era o então senador Antonio Carlos Magalhães, acusado de violar o sigilo do Senado: "Houve uma manifestação dos estudantes contra ACM. Enquanto eles caminhavam até o bairro da Graça, onde ele morava, os policiais militares baixaram o pau nos estudantes. Eu estava no momento que um deles deu uma 'gravata' num

jovem. Saiu em vários jornais de circulação nacional".

O mesmo ocorreu com o repórter cinematográfico, Rogério Almeida, que na porta da reitoria da Universidade Federal da Bahia, conseguiu registrar o tumulto causado por policiais ao agredirem os estudantes que iam rumo a porta da casa de ACM protestar. "As imagens foram oferecidas a todas as emissoras locais, inclusive a TV Bahia que não se interessou pelo assunto. Mas a Rede Globo, sim. Uma hora antes de começar o Jornal Nacional fomos até a Embratel para gerar as imagens que poucos minutos depois estava sendo exibida para todo o Brasil", conta Almeida.

Seu direito, nossa conquista.

CHEGOU o Guia de Convênios 2011





O bancário, Felix Oliveira, sofreu, mas com o apoio do Sindicato derrotou o Bradesco na justiça.

Vence quem tem razão

Teve final feliz o drama de Seu Felix. Injustamente demitido do banco, maltratado e humilhado, foi à luta e processou o Bradesco. Ganhou a causa. Terá uma indenização e o emprego de volta. Justiça feita.

A vitória final veio em 9 de fevereiro deste ano, quando a juíza Dra. Elvira Maria Macêdo, da 5ª Vara do Trabalho de Feira de Santana determinou a sua reintegração ao Banco Bradesco de Ipirá. Para a felicidade de Seu Felix:

- Graças a Deus! Eu tô bem de saúde, recuperado... Quero voltar a trabalhar!

O bancário sentiu-se lesado e uma amiga sugeriu-lhe procurar o Departamento Jurídico do Sindicato dos Bancários da Bahia. Foi quando ingressou com uma ação na Justiça do Trabalho, lutando por direitos: indenização por danos morais e reintegração no emprego.

Os últimos anos foram de muito sofrimento para o bancário José Felix Gonçalves de Oliveira. A jornada estressante de 15 anos como caixa na agência do Bradesco de Ipirá, no interior da Bahia, custou-lhe, além da saúde, o próprio emprego. Demitido pelo banco após reclamar de dores nos ombros e fraqueza nos braços, Seu Felix, enfim, conquistou sua vitória, indenização em dinheiro e reintegração do emprego.

Após a demissão, Seu Felix procurou um médico.

Os exames apontaram um grau elevado de L.E.R. - Lesão por Esforços Repetitivos- que o tornava mais uma vítima dessa doença ocupacional.

Maus tratos e humilhação

Trabalhou 15 anos como caixa, contraiu a doença e amargou cinco anos até a vitória na Justiça, desde que foi demitido no tempo em que o banco chamava-se Baneb- depois comprado pelo Bradesco. Passou medo e teve vergonha das pessoas na pequena Mairi, terra natal. As memórias desse tempo ainda lhe trazem desgosto. Depois que começou a reclamar das dores da doença, passou a ser maltratado e até humilhado no local de trabalho. Ele mesmo conta, cheio de dor:

- Por umas três vezes, a servente adoeceu e me botaram pra fazer o serviço de limpeza, me humilharam dessa forma... Ainda chegava cedinho pra fazer o serviço, uma hora mais cedo do horário normal, e pensava, se Deus quiser, eu vou vencer.

O golpe final veio em agosto de 2005, quase vinte anos depois que entrou no banco pela primeira vez:

- Quando foi um dia de sexta-feira, eu me preparando pra sair, fechando o Caixa, o gerente me chamou: Felix, senta aqui, por favor. Quando ele chamou eu senti aquele impacto, pensei 'ele nunca me chamou pra conversar a essa hora aqui...'. Perguntei: 'Qual foi o equívoco que eu cometi?' Ele disse: "nada". 'Mas será que é por que o senhor não gosta de mim?' Ele falou: "não"... Então, ele disse: "Deve ser porque o senhor tá ficando velho...". Aquilo mexeu muito comigo.

As dores de cabeça tornaram-se frequentes, as mãos inchavam mais, os ombros doíam e a liberdade de movimento dos braços já não era mais a mesma. Mas reagiu.

O começo da volta por cima

Aconselhado por uma amiga, a sorte de José Felix começaria a mudar. E através dos seus direitos: "Aí minha ex-gerente me indicou procurar os advogados do Sindicato porque eram muito bons. E, realmente, até o momento só tenho a agradecer ao Dr. Pedro Pitanga que me atendeu muito bem".

Com o atestado médico nas mãos, emitido no prazo do aviso-prévio, Seu Felix foi até o Departamento Jurídico do Sindicato:

- Vim aqui pra assinar a minha demissão.

Ainda em aviso-prévio, a médica do trabalho Dra. Ligia M. Azevedo Santos pediu ao Bradesco a emissão da CAT-Comunicação de Acidente de Trabalho. O banco se recusou a fazê-lo. Assim, em 14 de setembro de 2005, a própria Dra. Ligia expediu a CAT junto ao INSS. Foram seis meses de afastamento pelo órgão previdenciário e o início de tempos difíceis para Seu Felix:

- Tive momentos muito críticos pra mim, vendi o único terno porque fiquei apertado, mas confiei em Deus. Passei por muitas dificuldades financeiras até o momento, lutei bastante pra não entrar em depressão... Aí graças a Deus e aos advogados do Sindicato superei essa grande dificuldade...



Defesa firme vence patrões poderosos.

a exploração e as injustiças. Até o mês de abril de 2011 o sindicato trabalhava com mais de 1.200 ações trabalhistas coletivas e individuais e quase 500 ações previdenciárias.

O Sindicato conta com cinco advogados na área trabalhista e duas advogadas previdenciárias. O atendimento acontece em esquema de plantão de segunda a sexta-feira, das 8h às 18h.



O anuênio do BB é dos bancários

Há 11 anos o banco do Brasil usurpou um direito dos bancários: o anuênio. Mas isto acabou. Depois de longa batalha judicial travada entre o banco e o Departamento Jurídico do Sindicato, os trabalhadores beneficiados pela ação de 2004 asseguraram novamente o direito à gratificação. Um passo importante para a reincorporação do anuênio a todos os funcionários lesados pelo BB.

"Essa foi uma das maiores vitórias aqui do Sindicato, porque você resgata um direito. Mostra para o banco que ele está errado, que as coisas não são da maneira que ele quer", afirma o diretor do Sindicato, Olivian Faustino. A gratificação que complementava o salário dos trabalhadores foi subtraída dos vencimentos, no acordo de 1999/2000, quando o BB se negou a renovar a cláusula que garantia o direito.

A recente conquista garante mais de R\$ 13 milhões para os funcionários que o banco deixou de pagar entre janeiro de 2000 e setembro de 2010. Porém, o diretor do Departamento Jurídico, Fábio Ledo, lembra que o processo está em fase de execução e esse valor diz respeito ao admitido pelo banco, que só reconhece o pagamento de 1.173 funcionários.

"Os nossos cálculos apresentam os valores corretos para o pagamento de 1.800 funcionários, vamos brigar por todos", afirma ele.

Luta por justiça é a marca desse lugar

O Departamento Jurídico do Sindicato dos Bancários da Bahia vem transformando a vida em muitos lares baianos. Nos últimos três anos foi ganho na Justiça o pagamento de causas trabalhistas no valor de R\$ 36.555.541,14.

Com atendimento gratuito, e as despesas processuais por conta do Sindicato, os números refletem a batalha diária do Sindicato contra

Quanto mais descontos, melhor

Cursar universidade, cuidar da saúde, praticar esportes, qualificar-se profissionalmente, aprender línguas, viajar a passeio, tirar carteira de motorista, tudo isso está mais fácil para os bancários. São mais de 230 estabelecimentos conveniados. O Sindicato investe forte em parcerias que melhoram a vida das pessoas.



A estudante de Administração em Gestão de Negócios da Faculdade Visconde de Cairu, Alana Brito, não esconde o entusiasmo quando o assunto é desconto na mensalidade: "Se eu tivesse que bancar integralmente, eu teria que desembolsar R\$ 482,00. Através do convênio que o Sindicato conseguiu, pago 15% a menos, o que ajuda bastante no final do mês".

Alana também é bancária e há três anos, quando entrou no Bradesco, viu que ser sindicalizada a colocava em posição de vantagem. "Percebi logo que o Sindicato era um ponto de apoio importante para o bancário quando vi um adesivo na tesouraria da faculdade que indicava o desconto. A comunicação foi imediata e entendi porque a união faz a força dessa categoria".

O caso de outra bancária, Elizabete Santana, foi diferente. Envolvida com o trabalho da agência, não imaginava que o Sindicato estivesse atuando também em outras frentes, como os convênios.

- Tenho 25 anos de profissão e de sindicalizada. Estou quase me aposentando (risos). O Sindicato sempre teve incentivos para os bancários, mas não sabia que na área educacional isso era possível. O convênio feito entre o Sindicato dos Bancários e a Faculdade Social da Bahia veio num momento em que eu estava precisando muito. Dessa maneira, consigo pagar o curso de Publicidade e Propaganda da minha filha.

Fácil de usar, muito a escolher

Se Elizabete tivesse que pagar integralmente a faculdade, o preço seria de R\$ 682,00 por mês. O desconto ajuda sua filha Bárbara a utilizar o que sobra em transporte e alimentação:

- É uma grande ajuda sem dúvida, pena que eu não sabia disso antes. Bárbara já está cursando o quarto semestre. Mas agora que eu sei, já estou planejando voltar a estudar. Vou colocar isso como minha meta", garante ela.

A responsabilidade pela satisfação das bancárias Alana e Elizabete é do departamento para Assuntos da Comunidade, dirigido por Almir Leal. Um guia impresso e um link pela internet orientam a categoria de como economizar e fazer bons negócios.

São mais de 230 estabelecimentos conveniados, como pousadas, psicólogos, clínicas, farmácias, arte e cultura, óticas, creches, cursos de idioma, cursos pré-vestibulares, entre outros. "O benefício é avaliado através de uma carta de apresentação do estabelecimento. Diante disso, assinamos o contrato, publicamos no site do Sindicato www.bancariosbahia.org.br e colocamos um adesivo no local conveniado", explica Leal sobre a aprovação de um convênio.



Direitos do sindicalizado

Veja por categoria os serviços que podem ser adquiridos com desconto. Procure a diretoria do departamento de Assuntos da Comunidade, na sede do Sindicato dos Bancários, avenida Sete de Setembro, nº 1001, 1º andar:

- Academias e esportes
- Arte e Cultura

- Autoescola
- Compras e Serviços
- Cursos de Qualificação Profissional
- Cursos de idioma e especiais
- Educação Escolar: Especial; Creches e Séries Iniciais; Ensino Fundamental e Médio; Pré-Vestibular; Faculdades e Pós Graduação
- Funerárias e jazigos

- Interior: diversos serviços, como hotelaria
- Lazer e turismo
- Ótica e cinefoto
- Saúde: odontologia; clínicas e laboratórios; fisioterapia; terapias alternativas; psiquiatria; psicologia e psicopedagogia
- Serviço Automotivo

Igualdade sem distinção já

Sindicato dos Bancários da Bahia é um dos pioneiros na luta pela aprovação do Projeto de Lei no. 6259/05, de autoria dos deputados federais Daniel Almeida (PCdoB-Ba) e Inácio Arruda (PCdoB-Ce), que será votado nos próximos meses no Congresso Nacional. Desde 2003 os baianos pedem sua aprovação.

O Projeto de Lei n. 6259/05 que restabelece a isonomia entre os novos e os antigos funcionários dos bancos públicos voltou a tramitar na Comissão de Finanças e Tributação da Câmara Federal em março deste ano com um novo relator, o deputado André Vargas (PT-PR).

O Sindicato dos Bancários da Bahia segue na luta pelos direitos dos trabalhadores que ingressaram depois de 1998 no Banco do Brasil, Caixa Econômica Federal, no BNB e na Casa da Moeda perderam uma série de direitos em relação aos funcionários mais antigos. Calcula-se que atualmente dos cerca de 83 mil bancários em bancos públicos, 49.800 não têm os benefícios dos demais.

A proposta já havia recebido parecer favorável do relator anterior, o deputado federal Osmar Júnior (PCdoB-PI). Porém, pelo regimento interno da Casa, o processo foi arquivado devido ao término da última legislatura, retornando à Comissão por iniciativa do deputado federal Daniel Almeida (PCdoB-BA), autor do projeto original junto com o senador Inácio Arruda (PCdoB-CE).

O Sindicato é um dos pioneiros na luta pela isonomia. A mobilização teve início em 2003 junto com outras entidades sindicais que coletaram assinaturas para abaixo-assinados. O deputado federal Daniel Almeida (PCdoB-Ba) luta há tempos pelos direitos da categoria que foi duramente prejudicada pelo governo Fernando Henrique: "Ele criou duas categorias de bancários. Houve um desestímulo. Os funcionários que formavam um bom quadro técnico preferiram trabalhar em outros setores públicos".



Augusto Vasconcelos afirma que a luta continua pela igualdade dos direitos.

O trabalho é igual, o salário não

Augusto Vasconcelos, integrante da Comissão Executiva dos Empregados da CEF, avalia os avanços do projeto: "cada banco tinha dez itens, apontando os prejuízos para os novos funcionários. Desses dez itens, nós recuperamos a grande maioria, no entanto, dois itens centrais até hoje a gente não conseguiu conquistar. São o direito, a licença prêmio, que dá ao trabalhador dezoito dias no ano para usufruir ou vender; e o anuênio, adicional por tempo de serviço, que equivale a um por cento do salário a cada ano trabalhado.

Hoje, na prática, essa medida faz um verdadeiro estrago nos bancos estatais, pois uma legião de trabalhadores sofre discriminação no processo de remuneração. Os que se efetivaram antes de 1998 e os que chegaram depois dessa data têm pontos em comum. Têm as mesmas responsabilidades, são submetidos diariamente ao meso sistema de batimento de metas e contribuem da mesma forma para o lucro dos bancos. Contudo, na hora de receber o salário, as quantias depositadas são diferentes.

Justiça condena e pune Bradesco

As exigências absurdas de cumprimento de metas, as longas jornadas de trabalho, a humilhação no ambiente de trabalho, começam a ter fim. O Sindicato dos Bancários moveu ação civil pública contra o Bradesco. O Tribunal Regional do Trabalho decidiu: o banco vai ter que acabar com esta prática e pagar indenização coletiva pelo mal que fez aos bancários.



O assédio começa a ser derrotado. É preciso mais humanização e menos humilhação.

Mas há decisões judiciais que estimulam cada vez mais o combate a esta prática que parece ter se tornado lugar comum em muitas agências. A boa notícia veio do Tribunal Regional do Trabalho 5ª Região, que manteve por unanimidade, em decisão publicada em 1º de março, a condenação do Bradesco por assédio moral coletivo em uma ação civil pública provocada pelo Sindicato dos Bancários da Bahia em 2009. A empresa deverá cumprir uma série de obrigações para inibir a prática, além de pagar uma indenização por dano moral coletivo de R\$ 100 mil e multa ao Fundo de Amparo ao Trabalhador - FAT.

“Considero da mais alta importância e significado a decisão condenatória. A atividade dos

bancários é daquelas que nós podemos considerar que mais sofrem assédio moral dentro todas as categorias que conhecemos”, afirma o autor da ação civil pública ajuizada pelo Ministério Público do Trabalho, o procurador Manoel Jorge e Silva Neto. Em agosto de 2009, a Justiça do Trabalho já havia condenado o Banco Bradesco por assédio moral em decisão do juiz Guilherme Guimarães Ludwig, da 7ª Vara do Trabalho de Salvador. O banco recorreu da decisão mas agora perdeu a causa definitivamente.

O Bradesco está obrigado a tomar medidas preventivas para sanar esta má conduta. Deverá melhorar o ambiente de trabalho, estabelecer um clima de respeito, normas saudáveis de conduta, campanhas de conscientização, palestras semestrais, além da criação de canais internos de denúncia e acompanhamento de conduta dos empregados envolvidos.



“ Eu sou obrigada a vender diariamente títulos de capitalização e a bater metas no final do mês. Além de controlar o dinheiro do caixa, de analisar a contabilidade do posto, sou obrigada a vender os produtos do banco. Sou do interior e dependo desse trabalho. Se digo que está errado, estou no olho da rua”

(Depoimento de uma bancária humilhada em banco de Salvador)

Muita exigência acaba em doenças

A intensificação do trabalho, as sobrecargas físicas e psíquicas se traduzem em doenças ocupacionais, depressões, transtornos mentais graves. Essa é a realidade dos que sofrem com o assédio moral, ao mesmo tempo em que são as maiores vítimas de LER/DORT no país.

Insônia, depressão, estresse, transtornos mentais. Estas são as doenças que mais acometem os bancários nos últimos anos. Os dados são levantados pelo próprio Sindicato dos Bancários da Bahia, através do seu Departamento de

Saúde. As filas em consultórios de psicólogos só crescem.

Na opinião de Auxiliadora Félix, psicóloga e especialista em Recursos Humanos, as doenças relacionadas ao ambiente de trabalho são provocadas pelo efeito dominó. “Se você tem no topo da pirâmide de trabalho quem assedia, o chefe imediato recebe tal informação e repassa aos subordinados. O acúmulo de atribuições, que não constam em contrato, muitas vezes, são impostos no dia a dia. Isso configura o assédio”



**EXCLUSIVO**

“As relações de trabalho precisam se humanizar”

O Procurador do Trabalho, Manoel Jorge e Silva Neto, falou com exclusividade sobre a vitória dos bancários contra o Bradesco. Confira.

O Sr. acha que com essa vitória o ambiente de trabalho nos bancos vai melhorar?

Manoel Jorge – Eu sou muito sincero. A atuação do Ministério Público do Trabalho, as decisões condenatórias da Justiça do Trabalho são apenas algumas soluções que podem ser trazidas para esse problema que não está somente dependendo de atuação do MP. É um problema de relacionamento humano, é um problema de relações humanas, logo a sua causa não está presa a uma solução que seja exclusivamente da Justiça ou do MP.

O que é preciso ser feito para acabar com o assédio moral?

MJ – É preciso que as instituições financeiras invistam pesadamente na conscientização dos seus gerentes, dos seus supervisores. As relações de trabalho

precisam se humanizar. Somente assim, eu compreendo que pode haver uma diminuição da prática de assédio moral.

Como o senhor avalia esse problema na Bahia?

MJ – Salvador não tem dispositivo legal que previna ou que puna o assédio moral de modo específico. Na ação civil pública, que condenou o Bradesco, o pedido do MPT prevê ações pedagógicas. Nós queremos isso, que a decisão judicial não fique isolada dentro do processo, que ela ultrapasse os limites do processo, que as pessoas tomem conhecimento que uma grande instituição financeira foi condenada, que as megaempresas e as pequenas também tomem conhecimento dessa condenação, e que adotem expedientes internos para banir o assédio moral.

As mentiras do BB

O que parecia ser um bom mecanismo de combate ao assédio moral nas agências do Banco do Brasil em todo o país, mostra a sua face cruel. Na Bahia, o Comitê de Ética do BB, criado em agosto de 2010 em uma ação nacional do banco, não apurou sequer um caso desde a sua instalação. Para o comitê, acredite quem quiser, não existe assédio moral nas agências bancárias. É o descaso com a saúde do trabalhador na República dos Banqueiros.

“Não houve nenhum caso ainda desde quando foi instalado, no Banco do Brasil onde todo dia você ouve as denúncias, percebe que está havendo o assédio, a humilhação na busca pelas metas, às vezes abusivas”, denuncia o diretor do Sindicato dos Bancários da Bahia, Oliven Faustino. A instalação dos Comitês de Ética foi uma conquista da campanha salarial de 2009 e tinha por princípio o objetivo de combater o assédio moral, coibindo a pressão por metas e o adoecimento dos bancários no ambiente de trabalho.



Corpo são, mente sã

Já se tornou tradicional na cidade de Salvador. Quando chega o dia 28 de agosto todo mundo já sabe. É vez da Corrida Rústica, uma homenagem aos bancários. Mais de 800 pessoas, atletas profissionais e amadores, além dos próprios homenageados, laureiam a grande festa.

É um dia que transforma a paisagem da cidade em uma gigante pista de competição e alegria pois por onde o cortejo de atletas e esportistas em geral passam o público aplaude e confraterniza. O circuito de 7 km tem largada e chegada na Associação Atlética do Baneb, no bairro do Costa Azul, em Salvador.

Por isso é bom ficar de olho no calendário. As inscrições para a corrida tem início um mês antes e se encerram a quatro dias do evento. Os participantes tem que doar um quilo de alimento não perecível. As premiações vão do dinheiro a medalhas e troféus. O evento tem dado tão certo que o diretor do departamento, Agnaldo Santana, informa que a corrida rústica dos bancários já faz parte do calendário da Federação Bahiana de Atletismo.

Um dos departamentos mais ocupados com a interação dos associados e a busca de uma saúde e o equilíbrio físico, sem dúvida é este. Com várias atividades, a palavra de ordem é movimentar. Para driblar o dia a dia estafante proporcionados pelas



agências, o Sindicato dos Bancários da Bahia, através do seu departamento de Esportes promove várias atividades que ajudam a categoria a manter a forma e ficar de bem com a vida. Corpo são, mente sã.

Mais esportes, mais lazer

Outras atividades esportivas também servem de estímulo ao bancário. Copa Intecategorias de Futsal (masculino e feminino), Campeonato Soçaite, competições de Karatê, Capoeira, Taekwondo e outros torneios são incentivados. “Os filhos dos bancários podem participar também”, afirma o diretor.



O campeão prata da casa

Um exemplo de atleta bem sucedido profissionalmente é o bancário Fernando Simões. Há 29 anos se dedica ao tênis de mesa. Ele é penta-campeão baiano desse esporte. No ano passado, chegou a semifinais do Jogos Nacionais da Caixa Econômica Federal. Neste ano, sua meta é outra. “Quero o tí-

tulo da categoria veterano”, afirma Simões que treina três vezes por semana para competir e aliviar a tensão provocada pelo trabalho.

Um lugar para chamar de seu

A Colônia de Férias dos Bancários é um dos patrimônios mais visitados pela categoria no verão. Administrado pelo diretor do departamen-

to, Luiz de Assis, o local tem segurança e a infraestrutura atende a demanda de festas, reuniões, além de abrigar uma área esportiva com duas piscinas, quadra de esporte, salão de jogos, e campo de futebol.

O prédio está localizado no bairro de Areias, no município de Camaçari. O horário de funcionamento é das 8h às 17h, aos finais de semana e feriados.

Gravidez é problema na hora da promoção

Os bancos não assumem publicamente, mas nos bastidores das agências captam-se situações de discriminação, onde a grávida é indesejada para ocupar certos cargos de chefias e gerências. Além do assédio moral, sexual e outros tipos de violências veladas, as mulheres também ganham menos 27,66% do que os homens.

A história dessa reportagem é real e cruel. O nome da bancária será preservado por motivos óbvios, para que não se repitam as perseguições à nossa personagem.

Depois de cinco anos trabalhando no Bradesco, ela conseguiu uma indicação para assumir o cargo de assistente da gerência de uma agência em Salvador. Mas o que era para ser bom se transformou, aos poucos, em pesadelo.

A primeira entrevista com o gerente geral já indicava o que seriam os próximos meses. Após avaliar o perfil e o currículo, o interlocutor terminou a entrevista da seguinte maneira:

- A gente pode treinar você para a gerência, mas você não está pensando engravidar, está?

Mesmo com pouco mais de um ano de casada, e ainda sem filhos, ela afirmou que não estava em seus planos, com medo de perder a oportunidade do emprego. Um ano se passou, o treinamento para assumir a promoção para a gerência prosseguiu. Alguns meses depois, a bancária engravidou.

Ao comunicar o fato ao gerente, o mesmo que insinuara sobre a gravidez indesejada, mostrou-se hostil a ponto de fazer comentários jocosos com os colegas da mulher: "Tudo mudou radicalmente. Ele não continuou o treinamento e não me promoveu como eu esperava", recorda-se

Quando voltou ao trabalho depois da licença maternidade de quatro meses, uma nova gerente havia ocupado o cargo maior da agência. Esta colocou a bancária para treinar caixas, sem resultar na tal promoção. Por fim, outro gerente assumiu a unidade e manteve o trabalho que ela iniciara na gestão anterior.



Esse retorno foi complicado, pois o filho mais velho tinha problemas respiratórios. Ela apresentava os atestados médicos para abonar as faltas. Um belo dia, esse terceiro gerente comentou que “apresentava atestados demais” e que se o inspetor visse isso, não seria bom para ela.

Enquanto o filho crescia, presenciou outras oportunidades para ser nomeada mas nunca acontecia. Um colega lhe chamou a atenção: o gerente geral não a promovia porque não achava adequado alguém que priorizava a maternidade a assumir uma gerência. Mesmo tendo competência para exercer a função.

Vejam seu depoimento:

- Quando engravidei e fui pedir novamente a licença maternidade, agora com direito a seis meses, ele disse se realmente eu precisava de todo esse tempo. Não tenho parentes, mãe ou sogra, que morem comigo, e acredito que tenho o direito de ficar perto do meu filho como determina a Lei.

Corra atrás dos seus direitos

Este caso não é único e raro. O que acontece é que, muitas vezes, o medo de se expor e de perder o emprego é maior do que procurar a Justiça. A diretora do departamento de Gênero do Sindicato, Nole Fraga, que bem conhece estes dramas e discriminações que a mulher sofre no emprego, comenta sobre o caso:

-Elas têm que automatizar sua vida em função da agência, privando-a de momentos importantes, como de ter um filho, por exemplo. O Sindicato defende não só a mulher trabalhadora, como também a mãe de família. Esse caso será colocado para os Recursos Humanos do banco para que exista entendimento sobre a situação. Não é possível que em pleno século XXI, ainda acontece este tipo de postura. Sabemos, por exemplo, que em algumas agências do Bradesco não existe mais a figura da assistente social, uma mediadora valiosa para uma situação como esta”.



DISQUE 180, DENUNCIE A VIOLÊNCIA

Em 2010, a Secretaria de Políticas para as Mulheres apresentou uma estatística sobre o Ligue 180, que recebe denúncias de violências. São Paulo teve o maior registro, seguido por Bahia e Rio de Janeiro. Entre o período de janeiro a julho de 2010, houve um aumento de 112% nas ligações, se comparado ao mesmo período do ano anterior. Foram 343.063 atendimentos nos sete meses.

As denúncias mais registradas foram as de lesão corporal e a de ameaça. Estes dois tipos de queixas somaram 70% dos registros feitos para o Ligue 180. O perfil das agredidas mostra que a maioria tem entre 25 e 50 anos (67%) e cursaram até o ensino fundamental (48%); 72% moram com o agressor, sendo que 57,9% são casadas ou têm uma união estável. As queixas contra ex-namorados e ex-companheiros somam 14,7%.

Outro dado é que 68,1% dos casos de violência contra a mulher são presenciados pelos filhos. Em 16,2% das situações, o filho sofre violência junto com a mãe. Mais da metade das mulheres disseram quem correm risco de morte.

No fim do mês de março, o Plenário do Supremo Tribunal Federal (STF) declarou a constitucionalidade do artigo 41 da Lei Maria da Penha que proíbe a aplicação de outra lei que prevê crime de menor potencial ofensivo. O acusado de praticar crime de violência doméstica e familiar contra a mulher não é mais beneficiado pela suspensão condicional do processo.



A cartilha informa tudo o que a bancária precisa saber.

Se oriente e leve a cartilha na bolsa

Além do assédio moral, sexual e outros tipos de violências veladas contra a mulher, os bancos tripudiam também na hora de remunerar a bancária de forma igualitária ao homem. Hoje, de acordo com o Dieese, o salário de uma bancária é 27,66% menor.

Na hora da demissão, os números também se apresentam desfavoráveis com relação à remuneração assinada em carteira. Das funcionárias desligadas do sistema bancário em 2010, a média do último salário não ultrapassou o valor de R\$ 2.887,21, enquanto os homens registraram o valor de R\$ 4.049,92.

Informação, esta é a palavra de ordem para a mulher ter domínio no mercado de trabalho. O presidente do Sindicato dos Bancários, Euclides Fagundes e a diretoria de Gênero distribuíram no último dia 22 de março a Cartilha da Mulher Bancária: "Fizemos uma publicação que tem referências importantes para a trabalhadora. É um manual de bolsa que deve ser consultado em caso de dúvidas quanto aos direitos que a mulher tem."



**Ser mulher é ser guerreira,
na batalha a toda hora.
Umam trabalham em casa,
outras em casa e fora.
Há as que recebem flores,
mas preferem seus valores,
respeitados sem demora.**

Sensibilidade em forma de cordel

Esta sextilha é de autoria da bancária e cordelista Creusa Meire e foi redigida em homenagem às mulheres. "É uma contribuição que deixo para nós. É uma reflexão simples sobre os nossos cotidiano e potencial. Fiquei tocada pelo momento. Imaginei, nós, reunidas, ouvindo um cordel que fale só da gente", declara cordelista.

Bancária há mais de 20 anos, Creusa é sindicalizada e acompanha de perto as ações de gênero desenvolvidas pelo departamento. Ela já participou de diversos eventos, como o Lançamento da Lei Maria da Penha, palestras sobre assédio moral, direitos das bancárias, entre outros. "Sempre que posso, eu participo. Acho importante a gente estar envolvida com as questões da categoria. Isso dá clareza a nós."

Sindicato vai onde o bancário está

Seja no interior ou na agência da periferia onde o bancário é aviltado em seus direitos, o Sindicato se aperfeiçoa para prestar toda a assistência e assessoria. Os direitos dos bancários estão acima de tudo.

O Sindicato realiza periodicamente encontros regionais em várias localidades do estado, organizadas pelos diretores, que levam informações importantes para os bancários do interior. Além de falar sobre os convênios firmados que facilitam a vida dos bancários, os demais diretores do Sindicato junto com o diretor de Interior, Jovelino Sales, debatem temas pertinentes ao dia-a-dia de quem vive nessas cidades.

A Secretaria do Interior atende a 264 municí-

pios que são distribuídos em regiões : Chapada Diamantina, Serrinha, Paulo Afonso, Alagoinhas, Recôncavo, Baixo Sul, Juazeiro, Barreiras, e Camaçari.

O diretor cita que aos bancários da Caixa Econômica Federal o assunto que mais preocupa é a isonomia e recomposição das perdas salariais do governo FHC. Já no Banco do Brasil, os últimos assuntos que se tornaram pauta foram a questão do comitê de ética, o plano de saúde da Cassi, plano odontológico, anuênio e perdas salariais.



Aposentados

O Departamento de Aposentados tem como principal missão defender os interesses dos trabalhadores em questões relacionadas à previdência privada, pública e complementar, além de incentivar os trabalhadores aposentados a continuarem acompanhando a luta da categoria.



Socioeconômico

Apesar dos lucros bilionários, os banqueiros se negam a dar um aumento justo aos bancários. Cansada da postura dos patrões, a categoria tem buscado, através de dados precisos e estudados por este setor, a viabilidade de um reajuste mais digno. O diretor Elder Perez enfatiza que "a missão do Departamento Sócioeconômico é coletar e analisar informações para subsidiar as lutas da categoria".



Financiários

O diretor Ricardo Augusto enfatiza de imediato que o Sindicato dos Bancários da Bahia foi o primeiro a intensificar a luta contra a precarização. Apesar das dificuldades, os financiários têm alcançado expressivas vitórias, em especial depois que passaram a contar com o apoio físico e político do Sindicato, que mantém este departamento para tratar exclusivamente deste segmento.



Raça

"É notável o preconceito racial nos bancos. Basta entrar em uma agência para perceber que o número de afrodescendentes que trabalham é pequeno", revela a diretora do Departamento de Etnia e Raça, Áurea Cristina de Souza. Mesmo sendo minoria nos bancos, os negros ainda são, proporcionalmente, os mais atingidos pelo assédio moral e demissões.

Superar o subdesenvolvimento

O desenvolvimento no mundo tem sido produzido e reproduzido de forma muito desigual. Combinado com a presença de sinais da estagnação e até da regressão socioeconômica em alguns países, nota-se, em geral, avanços econômicos e sociais inquestionáveis ao longo do tempo. Basta considerar, por exemplo, o padrão de vida vigente nas antigas sociedades rurais com o alcançado pelas sociedades urbanas. Antes da industrialização, a expectativa média de vida da população não superava 40 anos de idade e a jornada de trabalho ocupava até 16 horas por dia.



Mas esses avanços não se propagam igualmente no tempo, tampouco na mesma dimensão e intensidade em todos os países e população. Justifica-se, assim, o uso recorrente do termo subdesenvolvimento para expressar a condição de países e regiões com elevada iniquidade no padrão de vida no interior de suas populações. Razão disso decorre, certamente, do deficiente e desigual ritmo de expansão econômica e social e do déficit de autonomia na governança interna do progresso técnico.

O contexto interno e externo heterogêneo tende a persistir por meio da significativa divisão entre o bloco de poucas nações desenvolvidas e o conjunto abrangente de muitos países na condição de subdesenvolvido. Embora diversas causas possam contribuir para a existência do subdesenvolvimento em cada país e região, podem ser destacadas pelo menos duas dimensões de sua manifestação.

A primeira, de ordem técnico-produtiva, associa-se aos diferentes processos de geração e propagação do progresso técnico no interior da estrutura de funcionamento do sistema econômico. Se o progresso técnico se constitui no

principal elemento sadio da elevação dos ganhos de produtividade e, por consequência, lucros, salários e impostos maiores, observa-se que suas deficiências na inovação e difusão tecnológica na economia de um país podem aprisioná-lo à condição de subdesenvolvido. Ainda que setores de ponta tenham capacidade de deter algum grau de inovação técnica, predomina, em geral, profunda heterogeneidade na estrutura produtiva, com gigantescos diferenciais de produtividade setorial, regional e por escala dos empreendimentos.

Mesmo durante a industrialização, a contida possibilidade de endogeneização do progresso técnico impõe à estrutura produtiva a expansão desprovida de maiores surtos de inovação tecnológica. A internalização de novas tecnologias tende a ocorrer de forma contida e fundamentalmente por intermédio da importação e da presença de corporações transnacionais, o que caracteriza a condição do subdesenvolvimento dependente do acesso ao progresso técnico.

A segunda dimensão sócioprodutiva do subdesenvolvimento expressa a exacerbada desigualdade na repartição dos resultados econômicos alcançados. Ou seja, a manifestação de

brutal concentração da renda e riqueza tanto entre patrões e trabalhadores (distribuição funcional da renda) como no interior da população (distribuição pessoal da renda) revela uma sociedade anacrônica. A desigualdade na divisão dos resultados econômicos resulta geralmente da descontinuidade do regime democrático, o que torna frágil o papel das instituições e das organizações da sociedade civil (partidos, sindicatos e associações), bem como contido o poder de representação dos interesses dos segmentos não proprietários. Além disso, tem importância a atuação do Estado na regulação do poder de mercado nos diferentes setores econômicos e na oferta universal de políticas públicas redistributivas e compensatórias, especialmente aos segmentos necessitados.

Após a vigência por mais de duas décadas de baixo dinamismo econômico e elevada oscilação desde a grave crise da dívida externa (1981-83), o Brasil voltou a sinalizar mais recentemente o caminho do seu desenvolvimento. A opção anterior pela recessão e contenção do mercado interno favoreceu a geração de saldo exportador voltado ao pagamento de juros dos serviços da dívida externa. Somente na primeira metade da década de 2000, o Brasil libertou-se da dependência externa, permitindo passar da posição de devedor para a de credor do Fundo Monetário Internacional. Mesmo assim, o quadro geral de semiestagnação da renda per capita levou ao empobrecimento do povo e a prevalência da desigualdade pró-rico. Isso não foi ainda pior graças ao abandono do regime

autoritário, em 1985, fundamental ao fortalecimento das instituições democráticas e das organizações de representação da sociedade civil em defesa de interesses do conjunto da população.

Por intermédio da Constituição Federal de 1988, houve importante reestruturação

“Após a vigência por mais de duas décadas de baixo dinamismo econômico e elevada oscilação desde a grave crise da dívida externa (1981-83), o Brasil voltou a sinalizar mais recentemente o caminho do seu desenvolvimento”

das políticas sociais, cada vez mais convergentes com a construção do chamado Estado de bem estar social (enormes complexos públicos de saúde, educação, assistências e previdência social, trabalho). A sustentabilidade do crescimento econômico nos últimos anos e o aperfeiçoamento das políticas sociais favoreceram o melhor enfrentamento da dimensão sócio-distributiva do subdesenvolvimento brasileiro. O Brasil ainda está longe do ideal de superação do atraso originado e reproduzido por uma sociedade extremamente desigual, porém já não mais se encontra no mesmo patamar trágico do final do século 20 de nação campeã em desigualdade. A continuidade e fortalecimento das políticas públicas permanecem como verdadeiros desafios ao rompimento sustentável da dimensão sócio-distributiva do

subdesenvolvimento nacional.

Por outro lado, segue ainda com destaque a dimensão técnico-produtiva do subdesenvolvimento brasileiro, dada a frágil e diminuta autonomia nacional em gerar e propagar o progresso técnico. Inegavelmente, o Brasil tem setores tecnológicos de ponta e de referência internacional, como na exploração de petróleo, na aviação civil, na agricultura tropical, no segmento bancário, entre outros, mas prevalece na maior parte do sistema produtivo o contido investimento em inovação técnica. Esse parece ser um dos principais resultados da recente pesquisa do IBGE sobre inovação técnica (Pintec), cuja dependência às importações e às grandes corporações transnacionais tende a postergar o aprisionamento na condição de subdesenvolvimento.

Não obstante os avanços obtidos pelas políticas de desenvolvimento produtivo e de inovação tecnológica, há ainda muito que ser feito, especialmente quando se observa o movimento em curso em países não desenvolvidos como China e Índia. Uma aliança estratégica entre a geração do conhecimento (universidades e centros de pesquisa) e o mundo produtivo está por ser consolidada.

O Brasil tem condições de superar o subdesenvolvimento que o acorrenta há séculos. Mas isso pressupõe a continuidade das ações mais sofisticadas de atenção à dimensão sócio-distributiva e do enfrentamento em novas bases da dependência tecnológica.

Marcio Pochmann é presidente do Ipea, professor licenciado do Instituto de Economia e do Centro de Estudos Sindicais e de Economia do Trabalho (Cesit) da Unicamp.

A arte baiana sobe nesse palco

As atividades se multiplicam no Espaço Cultural Raul Seixas. Música, teatro, dança, literatura, artes plásticas e oficinas são produzidas, apoiadas e estimuladas pelo Sindicato. Aqui, as manifestações culturais de toda a comunidade têm vez e voz.



A poetisa Elisa Lucinda declama e os novatos também. Aqui há espaço para todos.

Somente em 2010, foram realizados 89 eventos e mais de três mil pessoas puderam frequentar este espaço cultural diferenciado incrementado pelos bancários, através de múltiplos eventos realizados na casa de espetáculos com capacidade para 150 pessoas, situado na região central da cidade (Avenida Sete de Setembro, Mercês), de fácil acesso para todos e sempre de portas abertas para a cultura.

“Temos uma comunicação direta com a população baiana. É uma forma de inclusão. Essa é uma das características do Sindicato e dessa gestão. Nossa interlocução é importante porque acreditamos que a arte é um meio para despertar para o entendimento do todo. Por isso, trabalhamos incessantemente neste sentido”, afirma Alda Valéria, diretora de cultura do Sindicato dos Bancários da Bahia.

O Sindicato está sintonizado com a efervescência cultural da Bahia, sintonia que se

traduz em ações que procuram dar visibilidade à produção da categoria nas diversas linguagens artísticas. O assessor cultural do Espaço Raul Seixas, Frank Magalhães, explica que as atividades são pensadas para os bancários, “mas a população sempre está presente e também participa”.

Um bom exemplo do sucesso das atividades do Espaço Cultural Raul Seixas foi o último concurso literário realizado em 2010 e que teve 178 inscritos, entre bancários e público em geral de todo o estado, concorrendo ao “Prêmio Elisa Lucinda”. Ao final, 35 vencedores e os poemas, todos muito elogiados, publicados no livro Poesia dos Bancários - Antologia III, editado pelo Sindicato.

A noite de gala da poesia contou com a presença da homenageada, a atriz e poetisa Elisa Lucinda, um dos nomes mais queridos entre as bancárias. A diretora Alda Valéria recorda que no ano passado, no Dia Internacional da Mulher, o sindicato promoveu um recital nas agências



O teatro apresenta peças de grupos amador e profissional.

bancárias de Salvador de um de seus mais famosos e emblemáticos poemas, Aviso da Lua que Menstrua, e foi um sucesso, “os bancários aplaudiram muito e daí, render uma homenagem a uma mulher especial numa antologia foi um pulo. Ter a presença dessa atriz, negra, e poeta consagrou uma ação que já vinha sendo realizada pelo Sindicato”, destaca a diretora.

A pedagoga Felicidade da Silva Santos, eleita a melhor intérprete pelos jurados do terceiro concurso, teve também sua noite de estrela. Ela trabalha com crianças e adolescentes no Instituto de Cegos da Bahia e procura, sempre que possível, participar de eventos de poesia. Ao receber a agenda cultural editada pelo Sindicato dos Bancários da Bahia, ficou sabendo do concurso, se inscreveu e saiu consagrada: “Pra mim, poesia

é um diálogo comigo mesma. É um jeito de a gente se conhecer, é um sentimento profundo em relação à comunicação com o outro. É uma perspectiva de compreensão.”

Concurso revela poetas e emoção

Um dos jurados, e ex-presidente do Sindicato, Everaldo Augusto, baiano de Brumado, professor, mestre em Literatura pela UFBA e sobretudo poeta, considera que os poemas foram de excelente qualidade e bastante contemporâneos:

- Os poemas classificados falam de grandes temas da modernidade, chamam a atenção para os grandes dilemas do homem diante de si e do mundo, versos que protestam contra o racismo e a exploração, que falam sobre as dúvidas

existenciais e sobre o amor, sobre a paixão e os tabus, a sexualidade, enfim, sobre este mosaico de conflitos e opções que é a contemporaneidade. Foi uma grata surpresa constatar isso numa coletânea de poemas feita por trabalhadores.

Também integraram a bancada de jurados os poetas Ametista Nunes, mestre em Educação, e Douglas de Almeida, diretor da Biblioteca Prometeu Itinerante. Everaldo Augusto observa que “a arte de fazer poesia transforma a sociedade e amplia a visão da cultura das políticas públicas”. E diz mais:

- A poesia é o gênero que mais sintetiza a definição de Ezra Pound quando diz que “literatura é linguagem carregada de significado”. A poesia é feita para comover. A arte de comover as pessoas pode estar

num belo soneto com rima e métrica ou num lindo poema de versos livres, não importa. É dentro dessa visão mais geral que analiso os poemas do Concurso realizado pelo Sindicato dos Bancários. São versos da mais pura emoção.

Everaldo elogia as promoções literárias realizadas pelo Sindicato:

- A literatura desnatura o real e o devolve para nós, recriado. Então, você pode até não se sensibilizar com uma determinada cena degradante vista nas ruas de nossas cidades, mas esta mesma cena, recriada pela literatura, lhe



Raul Seixas sempre de portas abertas para a música.

despertará para todo o grau de crueldade que ela contém. Nesse sentido a literatura pode nos ajudar a sermos mais humanos, para com os outros e como para nós próprios.

Ele não tem dúvida de que, nestas ações culturais, "o Sindicato dos Bancários ainda continua pioneiro, é uma pena, deveriam existir outras entidades realizando coisas semelhantes. É importante, para o Sindicato, dialogar com os trabalhadores através da linguagem da cultura"

Oficinas formam atores e cidadania

O departamento cultural também promove atualmente várias e concorridas oficinas: dança de salão, dança do ventre, canto, violão, forró universitário e teatro infantil, para os públicos adolescente e adulto. Estas ações são dirigidas basicamente para os bancários mas é aberta à participação geral. Os valores cobrados são bem acessíveis e a qualidade é garantida com os profissionais que ministram as aulas nas oficinas.

O professor de teatro Anativo Oliveira, formado pela Escola de Teatro da UFBA, integrante do Bando do Teatro Olodum, é um dos mestres de oficina. "Há três anos nós fazemos as oficinas com o intuito de desenvolver a capacidade de cada um dentro das artes cênicas, como também utilizar o teatro para potencializar o indivíduo. É uma troca contínua", explica ele.

A proposta é ter um fluxo constante de participantes, tanto que o nome do grupo é Metamorfose Ambulante, em homenagem a Raul Seixas, atualmente encenando "Tons Trágicos", histórias paralelas que ganham novos personagens e sempre possibilitam a entrada de outros aprendizes de atores.

Em seu terceiro ano, a oficina de teatro é a mais procurada pelos bancários associados: "Eu descubro as habilidades através de dinâmicas de grupo e do autoconhecimento. O foco é descobrir a identidade de cada participante dentro da coletividade. Trabalhamos postura, expressão vocal, apreciação estética e o conceitos teóricos do



A dança tem público certo.

teatro. Fazemos um trabalho de inclusão com o teatro". afirma.

Os bancários acabam se tornando uma oportunidade que fortalece outros projetos nos quais ele participa, como o Bejeero (em iorubá significa "chamar os dois"), na comunidade Vila Viver Melhor, no Ogunjá, junto com a atriz Regiane Maya: " Ajudamos crianças e adolescentes a se inserirem na sociedade através da arte-educação. Vivemos este fluxo", reflete Anativo.

Para a nova aluna Gabriela di Gardênia, de 19 anos, a oportunidade de iniciar a oficina no Espaço Raul Seixas está sendo preciosa. "As dinâmicas são ótimas, bem movimentadas. O que aprendo eu levo para a minha vida pessoal. Estar na oficina é uma chance para eu seguir a carreira de atriz, que é o que eu quero para minha vida".

“Esse espaço é fruto da luta dos trabalhadores”

O bancário e guitarrista Ujandro Cirne, que junto com o baixista André Sales e o vocalista Zé Lima “Cabelinho” formam a banda CODA, sabe da importância de um espaço aberto como o Raul Seixas. O grupo reservou pauta para o palco, graças ao Projeto Prata da Casa- o espaço é cedido ao bancário que quer se apresentar e o público pode ver o show de graça. Mesmo não sendo a primeira vez a se apresentar no Raul Seixas, ele elogia a oportunidade:

- Passei 10 anos no interior e sinto que o envolvimento do

pessoal do Espaço é profissional. A iluminação, a qualidade do som, o conforto, tudo ajuda. Tenho muita sorte de ter um espaço desse, fruto da luta da minha classe trabalhadora. Produzir, fazer um show, exposição, teatro, dança, é muito caro. Isso faz com que a arte fique nas mãos de quem tem recursos e nem sempre é quem tem talento, tem expressão. Uma ferramenta dessas é um caminho sem volta. O importante é que a classe operária tenha uma chance de mostrar o potencial que tem.

As oficinas de teatro estão entre as mais procuradas.



GRANDE SERTÃO: TRISTEZAS

Ângelo Augusto

Entre caatingas cactus e castigos
Eis o sertão.
Possibilidade de discurso fadado ao
esquecimento,
Fantasia.
Eis que vejo crianças e mulheres que
tapam buracos no caminho,
Passatempo para esquecer a fome?
Enquanto os carros passam pela paisa-
gem em fogo
O horizonte reflete os montes e abre-se
em terra de bravura
Abnegados santos e trapos.
Lá na Bahia que alguns dizem ser a terra
da magia,
Para aquele povo é sofrimento e agonia.
Tudo ao acaso.
O menino caminha e olha bem ao alto,
Onde estrelas luzem em eterna folia
A vida do povo que reza em procissão.
O chão batido, cortado, anuncia outro
dia...
Possibilidade de discurso,
Eis o sertão.
Quando a chuva verte suas águas
Entre caatingas cactus e castigos,
O verde dos olhos lacrimeja a solidão.
De santos e abnegados,
O sertão festeja sua sina.

(poesia vencedora do Prêmio Elisa
Lucinda, 2010)

Em dia com a notícia

JORNAL DOS BANCÁRIOS SERVE DE EXEMPLO PARA O PAÍS

Para informar a categoria, o Sindicato criou em 1989 o veículo que se tornou referência nacional. A credibilidade e a performance propiciaram a atual expansão do setor de imprensa: gráfica, programa de televisão, noticiário na internet. E em breve uma emissora de rádio na web.



A data de criação da edição diária do periódico revolucionário, em 1º de dezembro de 1989, marcou uma nova fase no jornalismo sindical da Bahia e do Brasil, onde a qualidade e veracidade da informação mais a linguagem moderna garantem o fortalecimento e ampliação da capacidade de mobilização da categoria.

O jornal diário O Bancário chegou como importante instrumento contra o controle da informação praticado pela grande imprensa, até atingir números e respeito expressivos nacionalmente, com tiragem de mais de 5 mil exemplares, maior que muitos veículos similares da grande imprensa.

Viabilizar um projeto desse porte exigia investimentos em um parque gráfico, pessoal e matéria-prima.

Sempre preocupado em ampliar o debate sobre o desenvolvimento do estado e do país, o jornal é um exemplo de sucesso editorial, indispensável na construção de vitórias importantes

dos bancários, pois a publicação contribui para a descoberta de novos caminhos e formas de luta, além de aglutinar outras categorias.

O modelo é hoje referência nacional, não apenas no meio sindical. Políticos, empresários e entidades sociais reconhecem sua força e buscam o seu importante apoio na construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

Democrático e voz da classe

O Bancário abriu uma nova perspectiva no movimento dos trabalhadores.

As demandas da categoria encontraram no jornal o instrumento ideal para manter a mobilização e informação para os bancários. As notícias sobre negociações com os patrões, a tendência e os rumos do movimento ganharam outro tratamento jornalístico, longe da influência do patrocínio e dos interesses patronais.

Edição cuidadosa agrada telespectadores.



O jornal registra e participa de importantes momentos para a categoria como as campanhas salariais, as demissões injustas, as greves, além das melhorias das condições de trabalho e saúde. A mobilização por mais segurança, fim do assédio moral, contratação de funcionários e o fim das filas que tanto prejudicam os clientes fazem parte dos debates propostos diariamente pelo periódico.

O diretor de Imprensa e Comunicação, Adelmo Andrade, resume bem a filosofia do veículo:

- Nós consolidamos um jornal ligado à própria categoria e que permite a construção de uma agenda própria, capaz de mostrar novos ângulos e fortalecer nossas lutas, até então limitadas à versão da grande imprensa, nem sempre favorável e capaz de aprofundar discussões fundamentais para os trabalhadores. O jornal vai mais além, ampliando o leque de cobertura com questões gerais, assuntos que interessam à toda a população.

Nos bastidores do Agência Cidadania

Em 2001, o Sindicato dos Bancários da Bahia foi um dos pioneiros a produzir um programa sindical para televisão aberta, na TV Band Bahia, de segunda a sexta. É o Agência Cidadania.

O programa tem direção e edição do jornalista Ney Sá e do cinegrafista Rogério Almeida, tendo o presidente do sindicato, Euclides Fagundes como âncora. Traz informações sobre os bancários, cultura, esporte, defesa do consumidor, assuntos de interesse do trabalhador. O sindicato já está construindo, em sua sede das Mercês, um estúdio próprio para a gravação do programa.

O programa dos bancários marca presença no noticiário nacional de televisão. Em maio de 2001, por exemplo, após a quebra do sigilo de votação no painel eletrônico do Senado, do senador Antonio Carlos Magalhães, os estudantes saíram em passeata pela Av. Sete de Setembro. Quando chegaram perto da Reitoria da UFBA, foram reprimidos pela PM a mando do governador César Borges. O cinegrafista Rogério Almeida gravou tudo e as imagens foram reproduzidas nas tevês locais e até mesmo no Jornal Nacional da Globo. Somente o sindicato baiano possuía as cenas de violência explícita.

Para a bancária e leitora assídua, Ana Paula Pinto, da Caixa Econômica Federal, o jornal é uma ferramenta completa:

- É muito importante esse veículo de comunicação para que os empregados tomem ciência de todos os fatos que envolvem a categoria e não somente isso, pois traz informações de cultura e lazer para os leitores.

Além de O Bancário, a atual diretoria de Imprensa do sindicato é responsável pela clipagem das principais notícias do Brasil, organização de seminários, confecção de cartilhas, agenda cultural, programas de TV, e em breve, uma rádio na web. Outra iniciativa que está sendo planejada pela diretoria é ampliar os pontos de distribuição, através de displays, que ofereçam o jornal em locais de grande circulação, como shoppings e bancas de revistas.

- Estamos prevendo o au-



Adelmo prepara a novidade: rádio na web.

mento da distribuição do nosso jornal que deverá ter muito mais exemplares por dia. Iremos também implementar a rádio como mais uma opção de um canal de informação, garante o diretor Adelmo Andrade.

Tudo começou há anos

A origem do jornal diário, de forte penetração, como consolidou-se O Bancário, remonta há anos longínquos, mais precisamente em 30 de outubro de 1939, quando o sindicato lançou o jornal Bancário Bahiano, sem uma periodicidade definida, mas já vislumbrando a comunicação com a categoria.

Anos depois, em 1987, assumiu a presidência do Sindicato, Álvaro Gomes, hoje deputado estadual, o grande responsável pela transformação do antigo jornal. Ele relembra que havia duas experiências bem sucedidas de jornais sindicais no país, dos metalúrgicos e dos bancários, ambos em São Paulo. "Foi

quando tive a ideia de implantar também em Salvador um veículo diário", diz ele.

O jornalista Ney Sá, primeiro editor da publicação, lembra que o processo de produção era artesanal. "Hoje, com o computador, um jornal é fechado em pouco mais de duas horas, contra mais que o dobro do processo jurássico. Digitar texto, montar a página, com foto, charge e textos, era um verdadeiro quebra-cabeça, felizmente isso hoje faz parte do passado", lembra Sá.

Antenado com o mundo moderno

O atual Coordenador do Núcleo - que atualmente produz o jornal O Bancário, noticiário da web, revistas e impressos, jornalista Rogaciano Medeiros, discorre sobre a dimensão exata do que é fazer jornalismo para uma categoria que há vinte anos implantou um dos mais bem sucedidos informes diários do Brasil.

- Agilidade, competência e ética formam a base do jornalismo que se transformou num patrimônio de credibilidade con-



Rose e equipe: atentas a tudo, o tempo todo.

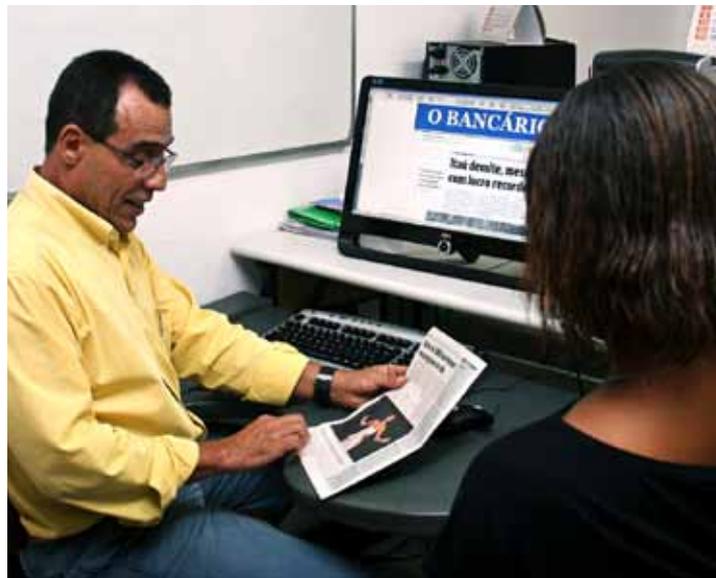
tra a opressão praticada pela imprensa patronal. Diariamente, O Bancário é distribuído nas agências baianas e a tiragem chega a ser superior, muitas vezes, a de um veículo de circulação nacional.

Ainda Rogaciano Medeiros:

- Quando iniciei meu trabalho, em 1991, entrava às 16h e saía meia noite. Era um processo artesanal. Com o avanço tecnológico tudo ficou mais fácil”, explica ele, que chegou a editar o jornal sozinho, entre 1991 a 1997 e hoje conta com uma equipe de 15 profissionais na redação, sem contar com os trabalhadores da Muttigraf, gráfica do Sindicato dos Bancários, que imprime o jornal.

O diretor da gráfica, Roberto Freitas, além de O Bancário, com tiragem mensal de 200 mil exemplares, atende à demanda interna de outros impressos e também de outras entidades. Chega a produzir 1 milhão de impressos a cada mês. “Para dar conta do trabalho, empregamos 10 pessoas que se dividem em três turnos dentro das 24 horas, de segunda a sábado. Temos um maquinário com manutenção permanente e em 2012 ampliaremos nosso parque gráfico”, relata.

Desde a década de 80 o sindicato baiano abre novos espaços para os jornalistas,



Rogaciano há vinte anos comanda a equipe de jornalismo.

com a ampliação de veículos, a exemplo da revista (Em Cheque), televisão, web, e brevemente uma emissora de rádio. Isto desencadeou o recrutamento de mais jornalistas:

- Eu acredito que este mercado é ainda pouco explorado. O lado positivo é que trabalhar dentro de um sindicato dá a oportunidade a quem fez comunicação de entender como o mercado funciona, tornando o profissional mais completo com uma visão privilegiada do todo”, revela Rose Lima, Coordenadora de Jornalismo do Sindicato dos Bancários

Para a editora do jornal, Maiana Brito, a importância do exercício de fazer O Bancário

é que o veículo não se limita somente a informar a categoria: “ A questão da violência em agências bancárias, por exemplo, não é uma questão somente do bancário, mas do cliente, o cidadão também é vítima dessa violência”.

O trabalho cotidiano de trazer sugestões de pautas fica por conta dos diretores do Sindicato: “Nós cuidamos de toda a comunicação sindical. Conseguimos desenvolver debates importantes não apenas para a categoria mas para a sociedade, daí a importância do jornal no dia-a-dia das pessoas, seja ou não bancário”, reafirma o diretor de Imprensa e Comunicação, Adelmo Andrade.

Respeito além das fronteiras

O respeito e o sucesso pela publicação ultrapassaram fronteiras. Os diversos seminários sindicais realizados pelo Brasil sempre ressaltam a importância do modelo de comunicação sindical adotada pelo Sindicato dos Bancários da Bahia. O Núcleo de Piratininga, por exemplo, órgão que auxilia a comunicação

de movimentos populares e de sindicatos, já apontou o trabalho realizado pela equipe como sendo de referência para todos. “Esse reconhecimento é importante e ao mesmo tempo um fator determinante para trabalharmos cada vez mais”, conclui o diretor Adelmo Andrade.

As universidades públicas (UNEB, UFBA) também têm o Sindicato dos Bancários da Bahia como referência na área de comunicação. Estas instituições mostram a experiência do jornalismo sindical aos alunos, abrindo-lhes novas perspectivas de mercado.



PRESIDENTE:
Euclides Fagundes Neves

VICE-PRESIDENTE:
Emanoel Souza de Jesus

SECRETÁRIO GERAL:
Olivan de Souza Faustino

2ª SECRETÁRIA:
Maria das Graças G. dos S. Miranda

TESOUREIRO:
Elias Lopes dos Santos

2ª TESOUREIRA:
Danúsia Maria Souza Silva

SECRETÁRIO PARA O INTERIOR:
Jovelino Sales Souza

DIRETOR P/ ADMINISTRAÇÃO DE PESSOAL:
Antônio Luiz Araújo Ferreira

DIRETORA P/ PATRIMÔNIO E INFORMÁTICA:
Martha Regina Silva Rodrigues

DIRETOR P/ ASSUNTOS JURÍDICOS:
Fábio Santana Santos Ledo

DIRETOR P/ IMPRENSA E COMUNICAÇÃO:
Adelmo de Assis Andrade

DIRETOR P/ ASS. DE SAÚDE DO TRABALHADOR:
José Alberto S. Barberino

DIRETOR PARA FORMAÇÃO SINDICAL:
Agnaldo Matos Batista

DIRETORA DE CULTURA:
Alda Valéria Garcia da Silva

DIRETOR DE ESPORTES:
Agnaldo Souza de Santana

DIRETOR P/ ADM. DA COLÔNIA DE FÉRIAS:
Luiz Carlos Pereira de Assis

DIRETOR DE POLÍTICA SINDICAL:
Luis Cláudio de Melo Magarão

DIRETOR REP. JUNTO À FEDERAÇÃO:
Augusto Sérgio V. de Oliveira

DIRETORA P/ QUESTÕES DE GÊNERO:
Nole Fraga Evangelista

DIRETOR P/ ASSUNTOS DA COMUNIDADE:
Almir Nascimento Leal

DIRETOR REP. DOS APOSENTADOS:
Antônio de Pádua G. Primo

DIRETOR P/ ASS. SÓCIOS-ECONÔMICOS:
Élder Fontes Perez

DIRETORA P/ ASSUNTOS DE ETNIA E RAÇA:
Áurea Cristina R. de Souza

DIRETOR REP. DOS FINANCIÁRIOS:
Ricardo Augusto G. de Oliveira

DIRETOR EXECUTIVO:
Humberto Santos Almeida

DIRETORA EXECUTIVA:
Érica Pinheiro Mendonça

DIRETOR EXECUTIVO:
Ronaldo Rios da Silva

DIRETOR EXECUTIVO:
Clitenebra Correia Campos

DIRETORA EXECUTIVA:
Patrícia Rocha Ramos

DIRETOR EXECUTIVO:
Roberto Souza Freitas

DIRETORA EXECUTIVA:
Crispina Darcy Barreto de Lima

DIRETOR EXECUTIVO:
Adilson Gonçalves de Araújo

DIRETOR EXECUTIVO:
Dorival Santana

DIRETOR EXECUTIVO:
José Álvaro Fonseca Gomes

DIRETOR EXECUTIVO:
Anderson Santana de Luna

DIRETOR EXECUTIVO:
Paulo de Castro Vieira

DIRETORA EXECUTIVA:
Maria das Graças Possenti Santana

DIRETOR EXECUTIVO:
Antônio da Silva do Carmo

DIRETOR EXECUTIVO:
Diógenes Pacheco de Melo

DIRETOR EXECUTIVO:
Floralval José Bonfim Junior

DIRETOR EXECUTIVO:
Paulo César Barros Cotrim

DIRETORA EXECUTIVA:
Rosângela Miranda de Souza

DIRETOR EXECUTIVO:
José André Cerqueira da Anunciação

DIRETOR EXECUTIVO:
José Humberto P. de Carvalho

DIRETORA EXECUTIVA:
Denise Sousa da Silva Lima

DIRETOR EXECUTIVO:
Wilson José de Freitas

DIRETOR EXECUTIVO:
Róbson Bomfim Oliveira

DIRETOR EXECUTIVO:
Gutemberg de Jesus B. Brito

DIRETOR REGIÃO NORTE:
Alberto Braitt Figueiredo

DIRETOR REGIÃO NORTE:
Cleber Silva dos Santos

DIRETOR REGIÃO OESTE:
Geraldo Ribeiro Neves

DIRETOR REGIÃO OESTE:
Ailton de Jesus Araújo

DIRETOR REGIÃO SUDOESTE:
Ronaldo Luiz Santos Ornelas

DIRETOR REGIÃO SUDOESTE:
Josias Lopes de Oliveira

DIRETOR REGIÃO CHAPADA:
Aroldo Celso Trindade Moreira

DIRETOR REGIÃO CHAPADA:
Júlio Carlos Santana dos Santos

DIRETOR REGIÃO NORDESTE:
Henrique Baltazar da S. Filho

DIRETOR REGIÃO NORDESTE:
Reinaldo Gomes Martins

DIRETOR CONSELHO FISCAL EFETIVO:
Geraldo Eugênio Alves Galindo

DIRETOR CONSELHO FISCAL EFETIVO:
Sílvio Daltro dos Santos

DIRETOR CONSELHO FISCAL EFETIVO:
Roswilson de Freitas Sampaio

DIRETOR CONSELHO FISCAL EFETIVO:
Jerônimo da Silva Júnior

DIRETOR CONSELHO FISCAL EFETIVO:
José Januário Damasceno

DIRETOR CONSELHO FISCAL SUPLENTE:
Eric Leon Schmukler

DIRETOR CONSELHO FISCAL SUPLENTE:
José Cerqueira Costa

DIRETOR CONSELHO FISCAL SUPLENTE:
Aníbal Regis Dias

DIRETORA CONSELHO FISCAL SUPLENTE:
Cely Cristiane Machado Carmo

DIRETOR CONSELHO FISCAL SUPLENTE:
Cristóvão Santana Pires



Muttigraf

Gráfica e Editora



(71) 3329-0150/4975 - muttigraf@hotmail.com



Um nome de IMPRESSÃO da Bahia
www.muttigraf.com.br

Na TV, no virtual ou na real

Jornal O Bancário
Agência Cidadania
Site SBBA

